

REFUTAÇÃO

À

E. PELLETAN.

ORMA
200
F6761

0

MUNDO MARCHA.

REFUTAÇÃO

À

E. PELLETAN.

POR

R. A. da Fonseca.

REGISTRO SETORIAL	
ARQUIVO DE CUSTÓDIA	
N.	3939
Data	6. 1. 91

MARANHÃO.

Typ. da Fe—Seminario de Santo Antonio.

1867.



Os maiores homens tem tido seus momentos
de erros e desvarios.

Bursec.

Eu fazia o meu quarto anno theologico no Seminario de Santo Antonio quando li as cartas de E. Pelletan a Lamartine. Procurei uma refutação; não encontrei; e grande numero da população Maranhense lia e apreciava na tradução do Sr. Pedro Nolasco as bellas frases de Pelletan, homem de talento, e forte como o veneno da serpente, porém traiçoeiro e caviloso como ella quando resvala por entre as hervilhas rente dos campos.

Quando li aquellas páginas animadas com linguagem de fogo, mas eivadas de sophismas e gravíssimos erros, a minha alma como a vaga altaneira elevou-se enflammada pelo amor da santa crença christã, que bafejou-me nas faixas infantis, e ensinou apontar para o céo.

Tratei de escrever algumas linhas para dar como que um allivio à minha alma. Escrevi poucos dias, e escrevi debaixo do entusiasmo e zelo religioso, e é este trabalho que sae agora à luz da publicidade.

Não é uma refutação completa ao livro de Pelletan, é apenas um protesto. Não tenho aspirações a renome; mas como ninguém aqui disse syllaba contra tão pernicioso livro, ali vão as fraquíssimas palavras de um estudante.

A falta de cuidado na correção das provas deo lugar passarem alguns erros de vulto; mas como não é um livro de grande folego o leitor será benévolo.

AO

PADRE RAYMUNDO DA P. DOS SANTOS LEMOS.

em signal de verdadeira estima

OFFERECE

O

Auctor

O
MUNDO MARCHA

REFUTAÇÃO A E. PELLETAN.

A humanidade é mais incompreensível sem o peccado original, do que o mesmo peccado.

PASCAL.

O mundo é máo—Eis uma queixa antiga. A princípio foi bom, mas por pouco tempo; e depois precipitou-se em uma queda acelerada—eis o que pregavam todos os povos.

KANT.

O chaos cedera o carrancudo passo das trevas do abysmo e do nihilismo ao jucundo espadanar da luz fecunda.

A vida se derramava em crebras ondas pela face do planeta.

No meio das tumidas vagas pollulavão innumeraveis cardumes de viventes.

Em terra bramia o audaz leão; e os cedros se erguião altaneiros, abanando as nuvens com seus ramos, embalados pelas ventamas, e orvalhados pelas brumas ainda frescas da criação.

O sol, campeando na immensidão do firmamento marcava os dias e as noites.

O grande numero de pallidos embryões de estrellas rolavão pelos seus aphelios, proclamando a grandesa do Creador

Até que um dia, n'um angulo do globo, surge da argilla esbelto gigante de barro, com os braços ante o peito, sem palpitação, nem calor.

De repente uma harmonia vibra além, soprada nas azas de mysteriosa aragem como o brando som das harpas heoleas de Klopsthoe, e uma voz retumba: Fá-camo-lo á nossa imagem e semelhança.

E eis que um halito divino, como o que roçava pelas faces do abysso, rola pelos marmoreos labios da estatua quèda, e de improviso surge uma nova creatura, que traz estampados no rosto resplendentes lumes, mais brilhantes do que os de Moysés no meio das turbas, quando fallava ao povo d'Israel.

Esta creatura era o homem, que alçava suas plantas innocentes, que se alevantava do berço primario, que contemplava pela primeira vez o universo, que admirava as obras do Creador no vasto proscenio da creaçao.

E o sopro que lhe aquecera os labios e lhe encherá a fronte de vida, foi o sopro, que do nada arrancou o mundo.

Já, então, o nobre e generoso peito humano estremece sob brandas pulsações de um coração magnanimo.

Nos olhos lhe fuzila a vivacidade; no craneo rutila uma intelligencia lucida; e todo o seu porte altivo e magnifico indica o grande papel, que esta creatura nova tem de representar no theatro do mundo.

A sabedoria increada o proclama rei da terra, e os anjos em harmoniosos còros respondem em doces harpejos—: Da terra serás o Rei.

Então todos os animaes o temem, ante elle se curvão de rastros lambendo-lhe as plantas, como se n'elle descobrissem alguma cousa de sobrenatural.

O leão, a panthera, a hiêna, lhe bafejão as mãos, como rôuquejantes ondas, que, após furia indomita, lambem mansamente as fulvas areias das praias.

O homem não tem espessa crosta como a tartaruga, mas os raios do sol o não queimão, nem as resfriadas ventanias, que passão com a nevoa das manhãs, o fazem tiritar.

Não tem a ligereira do fogoso corcel, a agilidade do mono, mas ninguem o persegue.

Está circumscrepto pelos mares, estreitado pela imensidade? E que importa? Sua geração ainda é muito minguada. Quando se espalhar pelos continentes, e houver necessidade de communicações, facilmente escoherá meios adaptados aos fins á que se propozer, e executará seus planos. E para isto tem uma intelligencia brilhante, que pelo contacto com Deus lhe facilita um estado sublime.

Nada o pode sustar nesse caminhar atlético: se aparecem necessidades inerentes ao estado finito da criatura, elle tudo vê em Deus, e sua vida é tranquilla; por que vê de conquista em conquista, que, coroando suas luctas, o extasião.

Eis por que a visão em Deus de Malebranche nem sempre nos pareceo uma dessas chimeras de Thales e Anaxagoras, ou das monadas de Leibnitz.

Por meio desse systhema sublime, de alcance superior, se pode demonstrar que a visão beatifica tem seu fundamento philosophico.

Por elle se prova que o homem em estado de natureza pura podia estar fora da acção da morte; por que gosava de uma visão beatifica, arroubando-sé em continuados extasis ao seio do Eterno.

Assim, vendo tudo em Deus, conhecia por seu turno todos os recursos convenientes aos fins e então as dificuldades desapareciam diante delle.

Desenvolvamos melhor estes pensamentos.

Ha um primeiro principio tanto na ordem intelectual como na ordem dos seres.

Este primeiro principio é o immenso e absoluto.

Na ordem intellectual das ideas, elle é a idea absoluta, unica, as mais são ideas contingentes, limitadas.

Na ordem dos sérres, só este principio é realmente, só elle é absolutamente, tudo o mais é de um modo finito.

Só em si contem toda a idea, e todo o sér; toda a idea, e todo o ser dimanão delle (1): assim como o sól, é o centro donde se distacam todos os raios luminosos que se irradiao por todo o espaço.

Pois bem: partindo deste principio observamos que à proporção que nos achamos afastados de um, foco de luz, os raios que d'elle se desprendem se multiplicão, se confundem, occupão um espaço mais difficil de ser abrangido pela vista e muitos perdem-se: porem, se pelo contrario nos approximamos a esse foco de luz, os raios ordenão-se agrupão-se, identifição-se diminuem de numero; e tanto elles, como o foco, podem sér bem visados.

Assim é a intelligencia humana em relação ao primeiro principio: se nos achamos distantes delle, as ideas multiplicão-se, mesclão-se: em vez de conhecimento ha confusão. Se porem nos approximamos, nossa vista intellectual alcança maior somma de ideas, por que nesse caso o ponto de observação é mais circumscreto; e dadas as ideas, ou conhecimentos, ahi se fixão.

(1) Não como parte, mas como creature.

E' por este modo que o systhema de Malebranche, sobre a visão em Deus, é uma theoria sublime, transcendental, e que á nosso vêr transluz até fugazes reminiscencias do nosso passado de glória, que, pelo pecado, aninhou-se na esqualida noute dos seculos do polytheismo.

E é assim que concebemos o homem na pureza e sanctidade primitivas, seu estado originario, em que fôra creado. Em estreito commercio, contacto intimo, com Deus, o homem alçava o pensamento em espírito e verdade e conversava, por assim dizer, com a propria Divindade.

Porem, esse estado sublime, em que vira a luz a primicia do genero humano, esse estado angelico seria in glorio se o homem não o gozasse em plena liberdade: assim, o Creador concedeu-nos o livre arbitrio, para que os nossos louros fossem conquistados na lucta, que é movimento, e vida.

Esse dom, sem embargo de sér precioso, é um legado de Deus, foi, na aurora da creação, uma arma fatal nas mãos do homem. A liberdade, manancial de vida, estimulo para brillantes conquistas, tornou-se o instrumento de morte e de opprobrio...

Momento fatal e luctuoso foi esse em que pela pri-

meira vez o homem sentio as trevas passarem pela resina, e a dor punzir-lhe o coração....

Era já avançada a hora. O sol dobrava-se além do zinith, quando o anjo sombrio da morte pairava, como Eumenide infernal, sobre as planicies do Edem....

A viração passava gemebunda, suspendendo levemente os pomos da arvore da vida, e em seu lento soprar arrastava o precioso dom da humanidade entre gemidos e lagrimas...

Dir-se hia que essa fresca viração, que passava soçando, desferia as ultimas cadencias das harmonias do universo, que era um soluço longo e indefinível de morte, ou tremulos sons da harpa do Rei-Propheta, repercutindo sobre as cupulas dos cyprestes de Sião, gemendo a penitencia, ou os trenos dorídos de Jeremias quando com as pedras das ruas de Jerusalém chorava sobre captivéiro de Israel...

E o homem está realmente decaido do pedestal de venturas. Ei-lo que repousa descuidado sobre a borda do sepulchro, em cujo leito vê adornada com os sudarios da morte sua geração em germe!

Deus, infinitamente bom, mas soberanamente justo, já o não conserva como d'antes, sob suas complacentes vistas. O homem era um réo de lesa-magestade Divina: devera sér um proscripto.

E as leis da natureza correm livremente, sem respei-

tar criatura alguma. A face de Deus as gerações nivela-se.

Tudo se muda para o homem. Adão, despertando após o peccado, abre os olhos na mais cruenta e desoladora realidade, conhecendo o sublime estado que perdera.

A angustia do remorso o impallidece, sua fronte melancolica curva-se abatida, sua vida, vergel de mimosas flores, converte-se em jardim abandonado, onde a discrição surgem cardos.

Ah! Prometheo audaz, que roubaste afontamente o fogo celeste, vê agora o faminto abutre dos cuidados despedaçar-te as entradas!... E agora?... agora... dorme, gigante da desobediência, e sonha com as venturas que rolarão no abysmo, «como a ave, que trespassa, atravessando o ar, em cujo caminho nenhum indício deixa, senão o ruído das azas, que corta o leve vento e fendendo o ar, com o jacto do seu vôo, passa agitando as azas, e depois disto nem esperança deixou de sua volta».⁽¹⁾

Mas o que? dormir? não: elle não dorme.

Aquelles hymnos tam surprehendentes, como os de Milton, que lhe rolavão pelos lábios no momento do disper-

(1) E' do Livro da Sabedoria.

tar, bem dizendo o Creador pela harmonia do universo, já não lhe affagão o coração; nem a intelligencia.

Agora cruza os braços sobre o agitado peito, e medita sobre sua perdição.

Quer recuar espavorido ante espectros imaginarios, que surgem diante de si: o tremor violento de Caim o acompanha sempre.

O mar sempre roqueijante esbraveja-lhe na retaguarda: o homem pela primeira vez tem pavôr.

Quer avançar: mas em frente lhe ruge o audaz leão, ameaçando estrangulá-lo.

Então o filho proscripto inclina-se para um lado, e eis que descobre sua infeliz companheira, e ambos ao mesmo tempo devorados de pejo escondem as faces entre as mãos e exclamão: estamos nus.

Como porém sabeis que estais nus; se até agora em o mesmo estado não havieis conhecido tal cousa?..

Estamos nus, respondem, porque a evidencia assim grita dentro de nós: temos pejo, vergonha do nosso estado, em uma palavra—estamos nus.

Ah! estas palavras fataes, que encerrão uma tremenda revelação, por mais esforços que faça Pelletan, nunca provarão um melhoramento social.

O homem procura folhas para se cobrir, não porque tirité de frio, ou o encommode qualquer accão da natureza, mas porque tem pejo.

Dizei-nos porem, Pelletan, donde vem, como procede tal pejo?

Do peccado. Eis o echo do genero humano, echo immortal que ainda repercute com accento lugubre no intimo dos nossos corações: estamos nus.

Sim, estamos uís! E' este o brado, que retumbou por entre as flores emmurhecididas do Edem, e até se ouve no mais estrepitoso baile de Londres, onde um philosophico disse, que não via as lagrimas de ninguem.

Nas mais altaneiras apotheoses de felicidade em que por ventura nos ergamos; no silencio da noute, em nosso gabinete, mais desafogados do pezo das paixões, repetimos as fataes palavras de nossos paes—: estamos nus.

As sociedades, as nações voão nas azas do progresso. O fumo de myriadas de fabrica negreja o espaço, os vapores, os wagons, os telegraphos, vencem as distancias com rapidez espantosa, os codigos humanisão-se: mas penetrai alem.... penetrai alem; escutai cautelosamente um som misterioso que vibra incessantemente; applicai bem o ouvido, escutai uma voz, ou antes um gemido tremulo, que parece passar atravez das mais reconditas fibras de um coração profundamente agitado.... escutai.... que som é este?

E' o echo do paraíso, é a palavra de Adam sempre a repercutir com accento dorido: estamos nus, estamos nus.

Quando, porem, nos embalavamos nestas crenças, cimentadas no largo decorrer de seis mil annos, eis que, das plagas do Mediterraneo, os ventos nos soprão uma doutrina, que, pelo seu modo de combate, traz um cunho de novidade: nega o dogma do peccado original, a penitencia e outras verdades catholicas.

Essa doutrina nos manda quase dogmaticamente arrojar no abysmo esses *andrajos* vetustos da *legenda* do peccado original, e offerece-nos ricos estofos, coxins para reclinar-nos ao doce marchar do progresso.

Essa doutrina propõe-se, e crê explicar tudo por meios puramente naturaes, derrubando por uma vez o reducto dos mysterios.

E' esta realmente uma bella empreza, um sublime commettimento para o racionalismo.

Mas, Pelletan, vós que delle sois um denodado pregoeiro, parai em vossa atroadóra passagem.

As revoluções moraes que se perpetuão, e se immortalisão em seus effeitos, não se executa com tanta inconsciencia; as crenças religiosas mui arraigadas no intimo da consciencia universal não se arranca assim com essa leviandade da borboleta, que pouza de flor em flor, sem dar contas do mel que suga.

Sustai por um só momento nesse voo de aguia, e diz-nos: em nome de quem tanto ousaes?

—Em nome do progresso.

Pois bem. Antes de vilipendiardes nossas crenças,

mostrai vossas credenciaes, para que se saiba, que não sois um revolucionario, mas defensor de uma idéa que tem formado partido, e como tal merece as honras de uma discussão.

Examinemos pois a vossa filiação, a falange á que pertenceis.

Um dia houve um homem, superior á seu seculo, que dilatou suas vistas de aguia, e divulgou um movimento na humanidade. Este homem foi J. B. Vico.

Este robusto pensador distingue tres epochas, ou estados na sociedade: divino, heroico, e civil ou humano: estados que a humanidade percorre, e em que consiste o progresso da mesma humâniade.

O primeiro é o estado de infancia, em que nascem os povos, e em o qual tudo os maravilha, e acabão por adorar as forças da natureza.

O segundo, ou o estado heroico, já é um passo na senda do progresso. É a epoca do heroísmo, é a epoca dos Theseus, dos Heróules, dos Jassões; é a epoca das emprezas arriscadas, do velocino de ouro, de Agamenon sobre os muros de Troya.

A terceira epoca, a civil, ou humâna, é a ultima expressão do progresso humanitario: é o tempo do desenvolvimento intellectual, a propagação das idéas generosas no doce gemer das harpas israelíticas e helénicas, nos bellos arroubos de Socrates e Platão, no

profundo pensar de Confucio e Pythagoras, que se abrem e fulgem no centro das trevas, como a crysalida se espadaneja ao perpassar a tepida viração da primavera.

E pelo lado artistico, é a epoca, em que o cinzel de Phidias faz mil fragmentos marmoreos voarem através do Hecatomedon. Mas para que tanto afan.... se, como diz Vico, esta epoca de tantas glorias, de tantos louros, é a epoca terrivel para o homem; por que ahí é o termo de seus afanosos labores, e por um decreto fatal, elle tem de retroceder e principiar sua marcha pela primeira edade, e assim por diante, rodando eternamente neste circulo vicioso ?

Outro vulto, não menos eminente, sentio tambem o doce orvalho do progresso refrescar-lhe a fronte espacosa e sublime. Ergueu-se no meio do turbilhão de idéas do seu tempo, e sustentou o progresso humanitario. Este homem foi Herder. Como porém entendeu este genio a theoria do progresso? sob que influencias? Sob a influencia dos climas: de sorte que, segundo a opinião de Herder, chegaremos á esta conclusão—que o progresso é fatal por ser sujeito aos climas; que os caracteres apresentados em um paiz por seu desenvolvimento serião perpetuos: assim a Grecia e o Egypto

sempre serião areopagos, e Roma theatro das mais gigantescas façanhas bellicas. (1)

Kant, deslumbrado pela maravilhosa marcha dos constantes melhoramentos, concebe e proclama o metodo ou plano de traçar-se a historia da humanidade, em a qual se notasse a lei geral, que faz, por misteriosos designios, a humanidade tender para o seu total desenvolvimento, ou apogeo do progresso.

Boulanger é sectario de Vico: segundo elle, primeiramente dominão os Deuses, depois os heroes, d'rao ultimo se constituem as republicas.

Daumer sustenta haver progresso nas proprias religiões, considerando-as como « revelações da mais elevada razão humana », ou um movimento progressivo para uma religião absoluta. (2)

Boucher, combinando a doutrina de Herder e Heguel, a de Lessing e Daumer, reconhece a legitimidade do progresso, e fundamenta-o em bases metaphysicas.

(1) Entretanto elle pertence a escola do progresso; nada obstante haver-se transvindo, assim como Vico e outros. Nós, porém, para que o nosso trabalho seja mais útil appresentamos a opinião e o erro da doutrina.

(2) Convém notar, entretanto que esta opinião é erronea e impia.

Eis em synopsis, para não prolongar mais esta lista, a brillante e variada eschola á que se prende Pelletan. E, em vista dos grandes personagens que nella figurão, não podem haver mais nobiliarios titulos que os de combatentes ou sectarios, que se abrigão e militão sob os estandartes destes grandes homens.

Mas, que papel cabe á Pelletan nesta eschola illustre? Aqui sentimos escapar-nos uma palavra auctorizada, para qualifical-o no ról dos lidadores, e dizer tudo quanto pensamos; entretanto a nosso vêr Mr. Pelletan não passá de um macaqueador, e isto porque:

Não tem elle — o genio prescrutador dos monumentos archeologicos, que corôa a fronte magestosa de Vico; não tem a argumentação nervosa de Herder, quando transporta-nos sobre as eloquentes ruinas de Persepolis, Babylonia, Palmira, etc; não tem o pensamento profundo, sublime, quasi transcendental de Kant; porque finalmente disse cousa já dita e ha muito refutada.

Muitos destes grandes genios, adornados com os activios de uma intelligencia superior, aturados estudos, e serias meditações, jámais tocaram, com mão verdadeiramente sacrilega, a Arca Santa dos mysterios christãos, jámais negaram dogmas do catholicismo. Não assim Pelletan, e por isso veja-se:

Kant, equilibrado nas azas da metaphysica, demonstra com a maior robustez de logica, que o peccado original no homem, tal qual o temos, é uma necessidade da philosophia.

Turgot affirma que o christianismo foi um progresso continuo na edade media, e dá superior vantagem á es- ta religião sobre o mundo antigo. Sob ella, diz elle, é que germina o verdadeiro progresso.

Mas Pelletan, desejando repartir a purpura de Renan, passa além: chama o Deus dos christãos—Deus mor- to, incapaz de insuflar o progresso!

Como é pobre de espirito M. Pelletan!

Sem embargo disso não se pode negar que Pelletan seja um bello talento, e sua theoria mui propriâ para fazer adeptos; porque seduz pela plumagem, e muita gente ha, que gosta de contemplar as cousas pela superficie.

Sua obra, porem, é uma refutação cabal á seus para- doxos. E' mais uma razão esclarecida que se expande em desabrida lucta com seu coração, o que prova, exactamen- te, o estado de depravação moral, em que nos submergio o peccado original.

Nós não condamnamos absolutamente o illustre per- fectibilista. Somos tolerantes, desculpamos os erros, por- que sabemos que o espirito humano é como a pendula vacillante, que, antes de ocupar o justo centro, erra pelas extremidades.

Pelletan, o forçado defensor de uma theoria, que queria apresentar com o cunho da novidade, exagerou e vagou nos extremos. E senão vejamos.

Os catholicos sustentão que o homem fôra criado no

estado de graça, *de natureza pura*,⁽¹⁾ de justiça originaria, do qual decaiu pelo peccado, que livremente commeteu.

Pelletan porem meneia a cabeça, solta dos labios um riso mofador, e proclama outra doutrina.

O homem, segundo elle, nasceu em estado *de pura natureza*, isto é, em estado sofredor, tal qual o vemos hoje soltando deformes vagidos, apenas sae do materno seio, neste estado de dor, onde tudo tenta destruirl-o.

Em compensação, porem, diz elle, de tantas fraquezas e dores, Deus conceden-lhe uma intelligencia fecunda e um coração heroico; de modo que o estado em que nascemos, em vez de ser um mal, é um bem.

Se o homem não nascesse assim, não poderia progredir. Ele nasce nu, sem agilidade alguma, sem forças para oppôr resistencia aos seus inimigos; mas em breve inventa meios para resistir á qualquer aggressor, que intente destruirl-o; isto quando é necessário, porque ao contrario, sem resistencia, campeia desimpedido como a esbelta gazella do deserto.

Porem, si desde o seu nascimento Deus o tivesse

(1) Deve-se atender mais, para esta expressão: ser criado em estado de *natureza pura* e de *pura natureza*. A primeira expressão é artiodíxa, e a segunda herética.

provido de tudo, o homem, não tendo a empregar esforços seus, passaria uma vida monótona. Assim, si para reagir á accão do tempo, trouxesse uma crosta, dadiça da natureza, passaria arrastando-a por toda parte como a tartaruga, e ficarião incognitas essas bellas concepções architectónicas, onde a vista se dilata, e a intelligen-
cia se extasia na contemplação do bello.

Sim, o homem nasce soffredor e necessitando de tudo, porém esta é a mais brilhante phase do progresso. Coloca o dedo sobre a fronte nos momentos críticos e tra-
ta de remir as necessidades.

Se tem frio, a chamma primeiramente roja da pedra para aquecel-o, depois o tecido, as pelles, a casa, etc. Se tem fome, a espiga amadurece ao sol para nutril-o; está ferido, e o ferro o cura suas chagas; está estreitado pelo oceano, reflecte, e o navio singra as ondas; está iso-
lado, curva a fronte, e põe-se em communicação.

O cedro elevado brame ao passar das ventanias nos pincaros das montanhas. O homem lhe passa ao pé: o ma-
deiro o ameaça esmagar. E entretanto o homem tem ne-
cessidade delle.

Pois bem; em breve o machado lhe fere o tronco: a arvore gigantesca, que ainda ha pouco ameaçava as re-
giões das nuvens, baqueia por terra. E' ainda necessa-
rio despedaçal-a: a serra o retalha; a enchó a desbas-
ta; a plaina a alisa; o escopô, o formão, a raspadeira, a
lichá, a verruma, etc., tudo apparece, e as artes erguem-

se em favor do homem, deleitando-lhe a existencia, e embellecendo o universo.

Se porem o homem tivesse recebido todos estes instrumentos, desde sua criação, jamais os deixaria. O machado andaria continuamente ligado ás suas mãos como as garras da panthera, que lhe são necessárias para relatar as victimas; a serra lhe estaria sempre pendente do hombro; a plaina, a enchó, o escopo, o martello, tudo emsim, e este novo ouriço cacheiro morreria sob o peso de suas invenções.

Em vista pois destes principios, é desnecessaria a legenda do peccado original; porque a necessidade do progresso explica tudo.

Eis uma theoria racional, ao passo que a do peccado original é contradictoria, porque todo o peccado ou falta *sendo pessoal, todo o castigo o deve ser tambem.* *E o que temos com os peccados commettidos ha quatro mil annos? Que Deus é este que crea, para exercer um odio de cinco ou seis mil annos?* Aqui Pelletan parece deitar toda a força, e como que ja bate palmas com o triumpho. Mas continua elle a fallar:

•Dizem que o homem peccou e suas dores são expiação deste peccado. Mas, que nova linguagem é esta da dor pela dor?

O homem foi criado perfeito e depois caiu pelo pecado! Bella theoria!

• Quereis saber si o homem era perfeito em sua origem? Pois tanto o era que caiu e desmoronou-se. Assim também vos direi: aquelle navio é muito bem construído, muito forte, e a prova é que ao primeiro embate das ondas abre-se todo.

Não; felizmente a linguagem do genero humano é outra. Fóra essa legenda rançosa que põe pêas aos vôos da humanidade. Nós não precisamos della para cousa alguma. Basta conhecer o homem, que, vindo ao mundo, e achando algum cabedal conquistado pelos antepassados, tem rigorosa obrigação de contribuir para o seu aumento, e assim a humanidade marchará com os olhos feitos no futuro, de conquista em conquista como as aguias de Cesar e Napoleão. •

Eis como Pelletan sustenta sua doutrina da perfectibilidade, pretendendo derribar um dos primeiros dogmas católicos.

De todas as partes, em tudo, elle só ouve a palavra — progresso: o vento que passa lhe diz—progresso; o mar brame—progresso; o cedro que geme—progresso; o passaro que gorgoia—progresso.

O espaço não lhe basta; nem lhe sacia o mesmo Deus do Christianismo, por ser um Deus crucificado, um Deus morto, quando o Deus do progresso é um Deus vivo, um Deus de movimento, um Deus radiosso, que nada mais é que—este livro immenso, que se abre de uma

á outra curva do horizonte, escriptos para todos os sentidos do homem, com a fiamma e o raio, o som e a electricidade. (1)

A existencia dos espiritos malignos, segundo Pelle-tan, é nos dias de hoje uma dessas chimeras legendarias em que um ou outro burguez muito rustico ainda crê, mas os homens de siso quando muito lhes dão as honras de uma risada sarcastica.

« Esta fabola, diz elle, explica-se mui facilmente:

« No principio das sociedades a somma dos males excedia a dos bens. Ali o homem luctava com forças desiguais contra a natureza, e eis por que a religião assenta no trono um Deus formidavel e inimigo do homem.

Mas, ao lado do mal, o homem ainda encontra, ali e aqui, o bem em sua passagem; a vida ainda se lhe mostra risonha.

Então ao Deus terrivel annexou, ou antes oppoz um Deus benfazejo, mas impotente; para conciliar estes dois senhores contraditorios, delega a cada um no céo uma esphera de ação.

(1) Creio que estas expressões se não são pantheisticas, não estão longe disto. Ao menos a igual doutrina se retrata Causa nos momentos proximos à morte.

Eis o motivo de nos antigos monumentos sempre encontrarmos dois princípios em verdadeira luta; e primeiramente o princípio máo levando vantagem sobre o bom. A medida porém que a humanidade caminha e destroea á cada passo as desproporções entre o bem e o mal, o Deus bom toma successivamente preeminencia e acaba por supplantar o princípio máo.

Eis o complemento da doutrina de Pelletan. A existencia do demônio, ou espírito maligno, é um resultado das idéas aranhadas da idade divina de Vico; é o homem divinizando as forças que o damnificavão, sem todavia essas divindades terem existencia real.

Apreciemos agora as afirmações de M. Pelletan; e entremos no amago de sua doutrina.

Fazendo primeiramente um apanhamento da doutrina em geral, um bem vulnerável campo se abre diante de nossas vistas.

Tirando-se os bellos torneios, as ricas plumagens, os atavios de uma linguagem de fogo, dê uma linguagem eminentemente poetica, e attendendo-se somente ao nervo do pensamento logico, o que resta, ou o que vem a ser a doutrina do illustre perfectibilista? Um paradoxo, um impossivel, uma perfeita contradicção.

Vemos a sua doutrina querendo explicar o homem pelo homem, pede do homem para o mesmo homem, isto é, pede ao homem que tire donde não tem para

ter; pode todo progresso somente do homem que ainda não o tem.

Mas isso em philosophia é um completo paralogismo e em historia para falar a linguagem da claresa é ignorância.

Basta ler-se a historia do Novo Mundo, onde as tribus selvagens, divagando sem a reverberação da luz da revelação passavão os annos sem avantajar passo na senda do progresso.

Eis porque disse um dos maiores homens da actualidade :

• Plus on refléchit, plus on reconnaît que l'homme ne possède rien de grand et de beau qui lui appartienne, qui vienne de sa force ou de sa volonté; mais que tout ce qu'il y a de souverainement beau vient immédiatement de Dieu.

• Les christianisme, que sait tout, l'a compris dès le premier jour.

• Les premiers apôtres sentirent en eux cette action immédiate de la Divinité et s'écrierent dès la première heure : *Tout don parfait vient de Dieu.* (1)

1) Lamart. Voya — em Obras T. 1º p. 49.

Quando vos mostrares tão cioso do rigor lógico tirais conclusões sem antecedentemente haver aprofundado os factos. Muitas, vezes, as vossas conclusões gemem no leito de Proculo somente para sustentar os vossos principípios.

Que idéa fazeis de Deus, vós que há pouco susteis um riso melador às faces de Lamarine, por dizer que o homem saindo quente das mãos de Deus devia ser mais perfeito?

Sim, do mais rápido lance de vista sobre vossas cartas, ahi se vê que susteis — que toda conquista do homem, todo o progresso é dívida as forças do próprio homem, oppreso pela necessidade.

Mas, como assim? Não vêdes que isto é uma doutrina sacrilega? não vêdes que o homem criado tal qual o pretendais obrigaes Deus á representar um papel de tyranno, de ser injusto?

Não posso crer que Deus fosse mais prodigo para com os irracionaes que para com as criaturas, intelli-gentes.

Vistes por ventura um viandante, já extenuado, ser surprehendido pela tempestade que o transviou em noite horrivelmente tenebrosa, divagar atraez de pavóreos silvedos, sem um guia, sujeito a desabar no primeiro abysmo onde falseassem seus pés?

Sabeis a causa de tão grande mal?

Foi um estalajudeiro que negou agasalho ao pobre

viandante extenuado de fadigas, e com a fronte queimada pelos ardores do sol!... Pois eis o homem e o Deos do vosso progresso.

Sim, o primeiro homem em a sua infancia quando mais necessitava dós soccorros do seu creador, por sua total inexperiencia, é como esse abandonado viandante lançado a mercê das ventanias, como avesinha que vaga alem, atirada pelo arrojado sopro da tempestade, sujeito a morrer de fome, ou a envenenar-se com o primeiro fruto de que lançasse mão para matar a fome; sujeito a afogar-se na primeira corrente que procurasse para matar a sede, sujeito a ser devorado pela primeira fera que o encontrasse!...

Ah! misera creatura, antes nascida não fôras!...

Qual é o crime, que te faz andar assim como ente proscripto, sem patria, sem altares onde sacrificues o teo coração?

— Nenhum; diz Pelletan, tudo isto é para que elle oppreso pela necessidade possa progredir.

Oh! meu illustre philosopho, nunca conseguireis enraizar semelhantes theorias em boas cabeças.

O vosso progresso é tremendo! se tal é a sua condição não o queremos, abominamo-lo: horrorizamos, por que vcm ensopado em sangue, lagrimas e gemidos.

Deos assim fica sendo um tyranno: e o homem um paciente sem culpa.

E como podeis gosar das conquistas das gerações preteritas com o sorriso nos labios e prazer no coração ?

Não vêdes que cada machado, uma serra, uma plaina, em uma palavra, que toda essa ferramenta do vosso progresso é comprada á sacrificio de muitas nações ? não vêdes que foi mister morrerem muitos para nos legar essas maravilhas que admiraes no palacio de chrystral ?

Não vêdes que si hoje temos as immunidades matrimoniaes, sua indissolubilidade, etc, forão compradas á custa da honra dessas infelizes babylonias, que se expunham em mercado e aó lance dos publicos leilões, espe-rando quem mais dêsse ? e assim tambem da horrivel prostituição legal, auctorizada em Roma e Corintho ?

Não vêdes que as immunidades politicas, que hoje gozamos, a liberdade, esse maná do céu, etc, foram tambem compradas á preço de sangue generoso, nas horro-sosas hecatombes dos circos e amphitheatros do paganismo ?

Ah, para que ir mais longe, para que delinear quadros plangentes ? . . . Para qualquer parte que nos voltemos, e onde encontrarmos algum melhoramento, al-gum progresso, ver-se-ha em sua base uma historia de gemidos e lagrimas, escripta com letras de sangue ! . . .

Pois bem, dizci-me, será proprio de um sér justo e misericordioso crear um ente para que ao depois com-prasse sua vida tam cara ?

Oh, mil vezes não: Deus não zomba dos mortaes.

Poderia deixar o homem conquistar suas coroas por si mesmo, mas tão ensanguentadas, tão rubras, tão cobertas de pó, pelo tropel das turbas amotinadas e confundidas, pelo frenízo da desesperação... nunca.

Isso seria horrível.

Logo, sob este ponto de vista a doutrina do peccado original é mais racional, por que coloca Deus na alta esphera, que exactamente é harmonica à recta razão, e que nos diz que si o homem alcança com tantas luctas os melhoramentos, o progresso, é por que peccou, e então ficou sujeito e condemnado á ferir o pó sempre estéril e ingrato.

Desçamos, porem, e cavemos até aos alicerces dessa teoria fundada na areia.

Apparecendo o homem, sustenta Pelletan, no inmenso theatro do mundo, acha o progresso, os melhoramentos. Mas, si por um lado elle apraz-se de gosar os fructos dessas conquistas, por outro está na restricta obrigação de contribuir para o engrandecimento do cabedal encontrado.

De maneira que o homem fita os olhos no futuro, trabalha para o progresso, e eis em que se resume o nosso peregrinar neste mundo.

Porem, esta doutrina será uma realidade, ou uma dessas utopias communs que todos os dias se está á pregar por ahi? Cremos assim.

Esta doutrina, excessivamente fatal, bane a religião. Nada mais fácil do que mostrar-se o princípio, os meios, e os fins, e dizer-se como na legenda do Judeu errante — caminha.

A constante prática dos séculos desmente felizmente estas audaciosas pretensões. O homem conhece suas obrigações, os meios de que se deve servir, para prehencê-las, e equilibra-se no centro de dificuldades sempre as vencendo, e desempenhando sua missão.

Mas para que assim o faça, é mister o concurso de um outro poder que auxilie sua fraqueza: este segundo agente é a religião. (1) E entre todas as religiões a única que satisfaz completamente este grande desideratum, é a religião católica.

Negar-se hoje a necessidade da religião para marcha da sociedade, é causa tam absurda que passa á pedantismo inqualificável, sínō incurável, e nem merece as honras de uma discussão. Passemos adiante.

Quero ainda aceitar por hora a argumentação, no terreno em que a colloca Pellétan.

(1) Tanto isto foi conhecido por todas as gerações e em todos os tempos que Platão disse ser mais fácil encontrar-se uma cidade sem leis, moedas, reis, etc., que sem uma religião.

•Não há peccado original. •

Mas em face desta doutrina sacrílega e temerária quais serão as consequências? Ellas.

I. O Christianismo é uma clámera, ou quando muito um passo da humanidade, designado sob este nome; porque quais são as pretenções do christianismo? Rehabilitar o homem do peccado original. Entretanto, si nós não temos culpa, o que aspira Elle?

II. O Christo é um homem extraordinario apenas; um genio que soube elevar as turbas; nra dessas cabeças privilegiadas que aparecem de seculos a seculos, como metheoros fugaces, que guião a humanidade, por muito curto espaço, e nada mais, pois que toda a missão do Christo resumiu-se em resgatar o genero humano, apagando a nolda do peccado original. (4) De maneira que se pode tirar esta conclusão: si não ha peccado original—o Christo não é Christo, não é Filho de Deus.

E essa queda é tam desastrosa que o mesmo Pelle-
tan, isto é, a sua doutrina esboroa-se e desaba por ne-
cessitar de base.

Por que então perguntarei: qual é o progresso do mundo? Nenhum: será a única resposta.

(1) Para a pre-instituição os sacramentos. E.S. agostinian Valo adiante que o sacramento da instituição sagrada é igualmente trivere (can. 103), dominum comum est.

E vejamos:

Antes do Christo perdia-se o mundo nas trevas do polytheismo, nas horrorosas scenas de Bubaste, nas origens sacrilegas de Balthasar, e nas festas alegres de Bacco; depois do Christo o que faz elle? mirra-se nos rigores dos claustros e das penitencias, adorando como Deus um homem, reverenciando Deus no Christo, que todavia é filho do homem!

Eis o novo campo que nos descortina essa theoria. Embala-nos no berço, e diz: abri os olhos e vede, que elaboraes em erro. Si porém isto é assim, é claro que a humanidade até o presente não tem progredido, tem apenas mudado de face, mas sempre elaborando em erro. E' Pelletan, o primeiro a abrir-nos os olhos, e mostrar-nos á senda do progresso.

Mas, distineto philosopho, a vossa revelação é bem tremenda! si as crencas que temos sobre o peccado original, e por consequencia sobre a redempção não passão de simples chimeras, como pretendes, deixai-nos permanecer nesse erro, nessa illusão; deixai-nos gozar dessa negaça e não nos tirai desse sonno alias agradavel.

Com effeito, Pelletan, si negardes o peccado original negareis a redempção: o christianismo desaba; e então o cahos empalará o seu pavoroso sceptro, e as trevas rolarão sobre a face do abyssmo como no principio dos tempos; porque na palavra do sabio, A. Nicolas, o homem é um enigma no qual a queda original dá a primeira palavra, e a redempção a ultima.

Si o christianismo com seu fundador não passão de uma chimera, porque o peccado original não existe, me farei discípulo de Hume e de Bercklei e negarei tudo. Nada existe, porque então eu não sei o que seja critério, o que seja certeza, e sobre o que se possa estribar a crença: a historia será uma alta mentira; nós mesmos, mentira; o mundo, mentira; e por fim, Pelletan e sua doutrina, mentira, e só a morte absoluta, realidade!

Será isto possível? Será esta a linguagem do gênero humano? Felizmente não. Esse tan absoluto scepticismo, que importaria a morte da alma, já não está em voga.

Logo, essa teoria pregada no pamphlet «O MUNDO MARCHA» é erronea; por que prova de mais, e por isso nada prova segundo os logicos.

E vós Pelletan, respeitae o bom senso de toda a humanidade; respeitae as crenças de quatrocentos milhões de cathólicos, que povoão a superficie do universo: eu então diremos que ignorareis os rudimentos ensinados no cathecismo das escolas primarias.

Felizmente, porém, para a causa da verdade não são estes os únicos pontos em que o illustre perfectibilista é apanhado em flagrante. Pelletan é um desses espíritos de tarracha, como diz um chistoso escriptor, que para uns inchá e para outros abaixa.

Em um lugar quando quer demonstrar o progresso mesmo nas idéas religiosas, apresenta as ideas gros-

seiras do polytheismo, em face da idéa sublime da unidade religiosa do christianismo.

Mas como assim? Ali desconhiceis a legitimidade do catholicismo, porque ha peccado original: aqui vos servis da seiva secunda e sã desta religião sacrosanta, para fundamentar vossos principios?! Porem, si o catholicismo é um erro, como pode dar bons frutos? Ah! já vos comprehendo.... A mesma verdade, Pelletan, vos confunde.

E quanto ao nosso humilde modo de pensar, o vosso ruíno foi mal projectado. Devieis, para tirar algum partido contra os dogmas catholicos, mostrar (o que seria impossivel) primeiramente que o Christo não é o Filho de Deus; porque em quanto estivermos cientes que elle o é, acreditaremos por força da mais esclarecida logica, que o peccado, a penitencia, o jejum, teem um justo fundamento, pois tudo isto foi praticado, e ensinado por este Augusto Mediador.

Porem eu comprehendo-vos: tentaes a empreza pelo mais fraco—o das affirmações dogmaticas, adornadas com linguagem florida, e seductora. Isto, , será uma estratégia em campo de batalha, mas perante a logica, a intelligencia que aspira ser convencida e não illudida, é um partido triste, mesquinho, e vergonhoso.

Deixemos porem o terreno das absurdas consequen-

cias que encerra a doutrina de Pelletan, e passemos á uma discussão mais seria sobre o peccado original.

Não ha peccado original, dizeis. As tradições sobre a existencia de um espirito máo, causador da queda do homem, são legendas allegoricas sem fundo real, representão apenas as luctas do homem com as forças inimigas.

Mas attendei bem para as vossas afirmações. Estes grandes dogmas não si derribão assim com pennadas: á favor delles falla a propria logica.

A logica somente?

E as tradições de todos os povos do mundo, que, sopradas dos quatro vntos, retumbão do reconcavo dos séculos preteritos, clamão de cada tronco vetusto da India, de cada pedra do Egýpto, das roinas carecomidas de Korsabad, desses byrmas que gemem nas cordas do lyra de David, nos trechos de lern-nias; e essas tradições que echoão desde a palavrão grave, sentenciosa, e sublime da Sabedoria até o idyllo mavioso, florido, e arrebatador do Cântico dos Cânticos?...

Porventura nada exprime, nada significa esse echo magestoso e profundo da natureza?

Essa universalidade vetusta nada diz? Entretanto a mesquinha e solitaria voz de Pelletan é que diz muito, ou tudo?

Sim; infelizmente para a causa da verdade assim é. Basta ter elle fallado e afirmado atrevidamente contra

o sagrado, contra a religião, para ter passaporte, entra-
da e aceitação em muitos lugares.

Porem discutamos sem medo.

E' verdade que, principalmente em algumas recentes
excavações, que se ha feito atravez das immensas camâ-
das archeologicas no Egypto e territorio do antigo im-
perio Assyrio, se tem encontrado alguns monumentos que
parecem favorecer a opinião de Pelletan, pois nelles se
vê dous principios como que em luta desabrida: mas o
argumento, que disto se tirasse para provar que ahi es-
tão estampadas as luctas humanas, jamais mereceria
esta alta afirmação, que lhe dá Pelletan.

E realmente: porque esse máo espirito em lucta con-
tra o bom ha de representar a somma de forças contra-
rias ao homem e não um espirito máo, que foi causa da
queda do homem, como os catholicos o crêem, e Jesus
o ensinou do alto da Cruz?

Mas é que Pelletan é um desses homens de quem não
se pode precisar as más cousas: afirma em tom o mais dog-
matico, sem provar: assim, segundo elle, «hoje um ou-
tro burguez é quem ainda crê em Satanaz.» Mas contra
esta gratuita e officiosa afirmação ha o facto. Pelo me-
nos em o nosso Brazil todos os catholicos crêem na exis-
tencia de Satanaz.

E não é sem fundamento que assim o fazemos; por-
que sendo nós filhos do Christo, sectarios de sua deuterí-
na, transmittida primeiramente pelos Apostolos, em quem

depositamos toda a fé; e vendo que o Divino Mestre, em uma occasião expulsa uma legião de demonios, e em outra Satanaz tentando ao Salvador; e depois disto tantos factos mui extraordinarios, que se tem passado no seio da christandade; dizemos, quando vemos tudo isto, não podemos deixar de acreditar na existencia de Satanaz.

Mas Pelletan diz: á admittir-se a existencia dos māos espiritos, que induzão e arrastem o homem á prática de actos contrarios aos preceitos da moral, é nada menos que professar o fatalismo! . . .

Nós, porem, com intelligencia apoucada não vemos similhante causa; parece-nos que é mister vista mui apurada e penetrante, para encontrar tal erro na doutrina cathólica; porque nunca se sustentou que Satanaz arrasta necessariamente o homem ao vicio, e sim que tem certos modos de seduzir, já inflammando as mās paixões, já aformoseando tudo que faz objecto do crime.

Sempre se disse, que o homem, por suas faculdades, e especialmente pela vontade, pôde resistir ás mās tentações; e erguer-se radiante de pureza, desviando-se do lamaçal do crime. E Pelletan para ser consequente devia achar brilhante esta doutrina; pois elle crê que ao homem, para se mostrar intelligent e susceptível de progresso, lhe são necessarias luctas titanicas, em que se empenhe.

Nós poderíamos ainda encarar esta questão sob ou-

tra face, porém a estreiteza deste pamphleto nos obriga abreviar, e passar avante, onde trataremos com mais individualização do peccado original, principal movele deste trabalho.

II.

Passemos agora a consultar as crenças dos povos preteritos, desde a mais remota antiguidade, desde esses tempos que prendem-se quasi ao berço do gênero humano: ouçamos o verbo de cada povo, afim de concluirmos mais firmemente em prol da verdade.

Segundo a palavra respeitável do Zenda-Avesta, entre os Persas, o tempo foi dividido em quatro épocas: na primeira reina tão somente Ormuz, o Deus bom.

Depois ele crea os Tervers, ou anjos immortaes, curva a alabardas céus e levanta o monte Albordi: (é a criação do céo e da terra, segundo a Bíblia) e por fim aparecem Meschia e Meschiané, o primeiro homem e a primeira mulher. Erão puras e vivião obedientes aos preceitos de Ormuz, seu criador.

Ariman, o genio do mal, viu-os, e tratou de perturbar a sua felicidade; o que conseguiu, appresentando-se *sob a forma de serpente*, offerecendo fructos e dizendo ser o auctor do homem, dos animaes, das plantas, em-fim de tudo.

Elles acreditaram nos fallazes discursos de Ariman, e perderam-se: a sua natureza corrompeu-se, corrupção esta que passou á todas as gerações.

Tanto crião os Persas na existencia do peccado original, que conspurcara a humanidade, que, para uma total purificação, não só esperavão um futuro redemptor, como o igneo planeta *Gourzscher*, que devia cair sobre a terra, assim de purificá-la, tal como fôra no principio da criação.

Ormuz, em um lugar do Zenda-Avesta, diz: Oh! Sapteman-Zoroastro, eu criei um lugar de delicias e de abundancia, com o qual não poderá comparar-se outro na terra, e nenhum outro o poderia crear, oh, Sapteman-Zoroastro. Chama-se o *Erieno-Vedjo*, e excede em belleza ao mundo em toda a sua extensão. Nada iguala a überdade desta terra de delicias por mim creada. A primeira morada de bençãos por mim creada, por mim Ormuz, exempta de toda impureza, é o *Erieno-Vedjo*. (Cantu, Hist. Univ.)

Os Nachars orão á Ormuz para que os homens sejam sem peccado, e para que o peccado se apague. (Voy. anc. etmod. ant. Pers.)

Os indianos, segundo a luminosa carta do Padre Bouchet ao sabio Bispo de Avranches, os Indianos crêem, que primeiramente reinou Paravaraston, o Deus supremo. Depois Brama forma o homem de lodo da terra e é colocado no *Charcan*, jardim delicioso, onde todos os fructos se encontrão em abundância. Ve-se ali uma *arvore*, cujo fructo comunicaria imortalidade, se fosse permitido comê-lo.

Ora, os denses inferiores, dizem ainda os indianos, tentaram por todos os modos chegar à imortalidade. A força de procurar lembraram-se da arvore da vida, que estava no *Charcan*; e, comendo o fructo conservaram o precioso thesouro que tanto interesse tinham em não perder.

Uma formosa serpente chamada *Cheien*, apercebeu-se de que a arvore da vida tinha sido descoberta pelos denses de segunda ordem; e como apparentemente se havia confiado aos seus cuidados a guarda desta arvore, encolerisou-se tanto com a surpreza que lhe fizerão, que espalhou veneno em grande quantidade sobre a terra e toda ella se resentiu, e nenhum homem devia escapar à este veneno mortal.

Porem o Deus *Chiven*, compadecendo-se da natureza humana, vai aparecer sob a figura humana e beberá todo o veneno, com que a maligna serpente infectionará o universo.

Segundo outra tradição do mesmo povo, *Brama* for-

mou o homem do lado, e agradou-lhe a sua obra; o pôz sobre o *Schors chiam*, paiz de todo o bem, onde havia uma arvore, cujo fructo, quando o comião, dava a imortalidade.

«Si interrogamos o Groelandez sobre esta materia, elle saba dizer—que primeiramente da terra foi creado *Kell-lak*, e do seu pellegar saiu a primeira mulher, e que por peccado do homem a terra foi submersida.»

Em Ceylão ainda se mostra um immenso lago de amargas aguas, formado pelas lagrimas de Eva.

Segundo os Africanos, *Ata-Kentrick* foi expulsa do céu por uma desobediecia.

A importantissima fabula da Prometheu e Pandora não é menos explicita sobre o grande dogma tradicional da queda originaria.

Pandora, mulher dotada de todos os favores celestes, é depositaria de uma caixa, onde estão os bens e os males promiscuamente confundidos. E' lhe prohibido abrir essa caixa; ella, porem, excitada pela curiosidade, abre-a, e os males fogem, derracão se pela face do globo, e desde esse dia «que uma infinitade de males e calamidades errão entre os homens, e a terra está infecionada delles, assim como os mares; e os males se recreão em atormentar os mortaes noite e dia.»

Prometheu, esse grande simulacro da humanidade, homem onnisciente, pretende arrancar os segredos celestes; immediatamente, poren, é punido, permanecendo ligado

ás fragoas do Caucaso, onde o abutre do remorso lhe devora o fígado, expiando assim seu peccado.

Quem poderá desconhecer nesta fábula a história da queda dos nossos primeiros pais? Pandora, que ocasiona serem os males espalhados pela superfície da terra, é Eva, a primeira que vota a humanidade ao peccado, e com elle todos os males: mas assim como na caixa de Pandora fica a esperança, assim também Eva, depois da desgraça do peccado, fica com a esperança consoladora do perdão da infinita misericordia divina e de um futuro Reparador.

Prometheu, com o fígado devorado pelo voraz abutre e ligada aos asperos crâneos do Caucaso, é Adão com o coração de contínuo ralado pelos remorsos da desobediência, commettida em violação às justas ordenações divinas e para sempre ligado ao aspero pó do globo, rebelde à sens tantalicos esforços, produzindo cardos e espinhos.

Assim pois alem da brillante cor poética que tem esta fábula, ha na substância, no fundo do quadro, um princípio verídico.

• A crença chinesa, segundo a doutrina encerrada nos *Kings*, (livros) era que—no estado do *primeiro céo* o homem era inteiramente unido pela soberana razão e só fazia o que era justo: o coração se expandia nas regiões da verdade: não havia nesse confusão de principios falsos e opostos.

Então as quatro estações do anno seguião uma ordem

regular: nada damnificava ao homem, e mesmo elle era inocente: uma universal harmonia reinava no mundo; mas as columnas do céu forão quebradas, e a terra abalada até seus fundamentos: o homem revoltando-se contra o céu, o sistema universal mudou-se: a harmonia do mundo se perturbou: os males e os crimes inundarão a face do planeta. (Ram. Disc. sur la Myth.)

O livro Likyki diz que todos os males baixarão sobre a terra, porque o homem despresou o Soberano imperio, entregou-se as questões innuteis; visou em extremo os objectos terrenos; as paixões se inflamarão, e os crimes vergarão a fronte da humanidade, *por causa do primeiro homem.*

Segundo a crença dos Chins, o peccado veio ao mundo por uma intelligencia superior, que se rebelara para damnificar ao homem; para o que *tomou a forma de uma serpente.*

Creem que o dragão Tchi Icou foi o auctor da revolta.

Os Japonezes tem a sua serpente rebellada contra o proprio Deus, e enrolando-se em uma arvore, *para atrair.*

Os Mongoes acreditão, e sustentão como doutrina corrente entre elles, que o estado de seus primeiros pais não foi duravel, porque em breve cairão por suas faltas: mas que d'antes gosavão de grande felicidade (Bery. Berg.)

Os Mexicanos representão a mãe do homem em contacto

•

com uma serpente; e creem no peccado original (Humboldt.)

Ultimamente na Polinesia as ventanias fizerão uma feliz descoberta arrancando um secular carvalho, nas raízes do qual se achava uma preciosidade archeologica.

Era uma pedra em que se via burilado um homem, uma arvore e uma mulher com alguns fructos nas mãos.

Se deste commun sentir das nações passarmos as opiniões dos grandes homens da antiguidade pagã, tanto philosophos como poetas, verdadeiros representantes das crenças tradicionaes, veremos que o acordo não é menos harmonico e maravilhoso.

O velho Hesiodo, grande depositario das vetustas crenças, fala em muitos lugares da desobediencia de Japheth, Pandora, por cuja causa os males assolarão a humanidade.

Antes, diz elle, as tribus humanas vivião sobre a terra exemptas de males, de afanosos trabalhos, crueis infirmitades que trasem a velhice precoce.

«Pandora tendo em suas mãos o mysterioso depósito de Jupiter, infringe os preceitos; e os males se espalhão pela face da terra.»

• A natureza e as faculdades do homem forão mudadas em seu chefe, diz Platão. •

• A alma acha-se encerrada no corpo como em um tumulo, para castigo de alguns peccados, dizem os pythagoricos. •

• Os erros e as calamidades na vida humana, diz Ci-

cerão, fizerão dizer aos antigos videntes, ou interpretes ou encarregados de explicar aos iniciados os mysterios divinos, que nós nascemos neste estado de misérias para expiar algum crime commettido em uma vida anterior e me parece que a este respeito ha alguma verdade.

Platão diz: outr' ora o que em nós pertencia a natureza divina, tinha por certo tempo, conservado todo seu vigor, e a sua dignidade: mas a inclinação viciosa do homem mortal subio ao mais alto diapazão em prejuizo do gênero humano, e d'ali vierão todos os males que affligem a humanidade . . .

Tameu de Socrates exclama: nós trazemos o vicio de nossa natureza e de nossos antepassados, o que obstante jamais possamos despir essas más inclinações, que nos fazem cair em as faltas de nossos primitivos pais.

Plínio, o naturalista, em vista do nosso miserando estado, pergunta se o nascer é um peccado.

Um poeta pagão maravilha-se de seu affastamento de tudo que é justo, e suas inclinações ás cousas más e prohibidas, attribuindo então esta desordem a um mau estado da alma e a uma especie de violencia oposta aos direitos da razão, e as regras da felicidade.

Outro argumento, não menos probatorio, é o que se tira dos sacrificios universaes. Onde ha altares, desde o monticulo de pedras feito por Jacob até o gigantesco

menhirs do galez, o incenso vôa em longas faixas de tribo em tribo, anunziando que os homens expõem uma falta commum.

O sangue das victimas corre pelo supedaneo dos altares humedecendo o pó, e o homem curvando os joelhos ergue supplicas ao céo. Mas o que significa isto? o que pretende o Fakir passando annos todo enterrado? o que pretende mesmo atravez de tanta falsidade? o que representão as aguas lustraes dos Romanos, o fogo e agua per que passavão entre os Mexicanos as crianças? Por que crião os Mohabitas, e outros que a effusão do sangue das victimas mitigava a *colera celeste* e que sua justiça desceria sobre a victimá os golpes atirados aos homens?

Porque Abel e Caim já no principio da creaçao, fazem sacrificios? porque o Deos de *lingam* tão bem faz penitencias acompanhadas de sacrificios?

O que pretendem os indianos ligando vital importancia aos grandes sacrificios *arva-medha* (immolação do cavallo) e *ekiam*?

Sim, o que pretendem todos os povos com estas tão immutaveis e antiquissimas uzanças, a que ligão o mais alto apreço?

Por ventura serão apenas avidas aspirações a abrandar as forças ruinosas da natureza, que a cada momento nos ameaça roubar a fugaz existencia? Ou procura

elle essa mysteriosa escada que conduz a região da luz infinita ?

Não : nestas praticas, muitas vezes erroneas, mas respeitosas, o homem não visa somente por mero deleite elevar-se as regiões eternas : elle até se acha polluto para voar ante a magestade suprema, e comunicar em espirito e verdade com o seu creador.

O que pois quer elle ?

Expiar os crimes originarios. E até mesmo na grosseira e voluptuosa idolatria se reconhèce esta verdade.

Realmente: o que é a idolatria ?

—Uma falsa interpretação. O homem, pela sua queda peccaminosa, tornou-se tão abalido e humilhado, que, vergando a fronte não ousou erguer seos olhos ao céo, ao throno do Eterno: como criminoso não ousou directamente comunicar-se com Deos; e eis peloque dirige-se as forças da natureza, e adora-as, como supplicando-lhes sua intercessão entre elle e seo Creador. E assim todo culto pagão por mais grosseiro, por mais extravagante que fosse, sempre foi relativo.

— Agora a ultima palavra sobre a questão do dualismo. Pelletan affirma que a crença em dois principios, opostos, Deus e Satanaz, provem dos obstaculos que o homem encontra em seo marchiar pela face do planeta. Tanto é assim, diz elle que a principio quando a somma de malesexcedia a de bens, o principio máo sobrepujava

o bom; mas a proporção que a industria vai nullificando essas forças inimigas, o principio bom vai abatendo o mau e acaba por dominar-o.

Com o devido respeito a palavra autorizada de Pelle-tan contestamos a sua primeira afirmação, isto é, sobre o domínio total, ou quasi total que a principio exerce o mal sobre o bem.

Do pequeno estudo que temos dos annaes das antigas nações, encontramos exactamente o contrario do que afirma elle; porque nas tradições persas assim falla o Omnipotente, desde os tempos mais remotos, e de que ha noticia: O meo nome é o principio e o fim e o centro de tudo; o meu nome é aquelle que é, que é tudo e que tudo encerra.

•O Verbo dado por Deos, palavra da vida e da actividade que existia antes da agua, do céo, da terra, dos animaes e dos planetas, antes do fogo, do homem puro, dos *divis*, antes de todos os bens e germens puros. •

Os Nakars orão a uma intelligencia pura e unica que tudo domina.

Entre os indianos ha a mesma linguagem.

No Bagavad-Gita acha-se esta oração sublime e digna mesmo das paginas do Evangelho: Ser eterno e omnipotente, tú és o creador de tudo, o Deos dos Deoses o creador do mundo. A tua natureza é incorruptivel, e distinta de todas as chimeras. Existis antes de tudo.

Es a alma do universo, e a tudo aviventais. Conheces tudo, e de todos és conhecido. Por ti foi que o mundo se ergueu do nada. Inclinem-se pois todos diante de ti; sé por toda parte venerado, tú que estais em todos os lugares. A tua gloria e o teo poder são infinitos... Quem te é igual? Eu te saudo, eu me prosto á teus pés, e imploro misericordia.»

Brahm, disem os *Vedos*, é aquelle que é. O mundo é o seu nome, e imagem.

Só elle existe realmente e é a causa de tudo que existe.

No *Egypto* fallando-se de um só Deus lia-se no frontão de um templo: Eu sou aquelle que é, foi e será. Nenhum mortal levantou ainda o véo que me oculta. Em outro lia-se: A ti... que estais em tudo....

O auctor dos livros hermeticos dizia: «Oh! *Egypto*, virá um dia em que a religião, e o teu puro culto serão convertidos em fabulas ridículas.»

Um oráculo dá a seguinte resposta que bem mostra o imperio absoluto de um só ente: «Eu vos direi que Deus sou, escutai: A abobada do céo é a minha cabeça, o meu ventre é o mar, as minhas orelhas se estendem na região do ether, os meus pés estão sobre a terra, os meus olhos são a face brilhante do sol, que vê ao longe.»

Na *Grecia* primeiramente reina Saturno. E não se diga que o domínio destas potências supremas vem depois da queda do principio máo; não, esses deuses correspondem todos ao Ser supremo e infinito, e antes delle nenhum

Deus impera; per que se percorrermos ligeiramente os mesmos paizes apontados, veremos que na Persia, depois de Ormuz é que veem Arimane (genio de mal) aos divis succede Mithra.

Entre os Indianos depois de Brahm é que veem os Brâhmines, Hattyras, Vaiscias, Soudras, Lasitre, Lisa, Visnhou . . .

Entre os Egypcios Typhon entra em scena por ultimo. E assim poderiamos augmentar muito esta lista se não tivessemos em mira a brevidade.

Comtudo seja dito de passagem, alem deste testemunho eloquente ha nos annais dos antigos povos legendas que bem podem symbolisar as lutas e triunfos sobre as forças inimigas.

Como bem as encarnações de Brahm em Kakabensa, em Valmiki, Viasa, Mouni, que finalmente torna-se Kalidosa.

Assim tambem Siva e outras divindades que seria fastidioso enumerar.

Mas nestas encarnações o importante é ver-se que o principio bom vai sempre levando maior vantagem sobre o mau.

Ora d'aqui se pode concluir a favor das afirmações de Pelletan, isto é, que essas legendas symbolisão as lutas humanas.

Mas assim mesmo esses mythos allegoricos não estão inteiramente expurgados de tal modo que se prestem áquelle conclusão.

Essas diversas encárnacões podem indicar as diversas epochas da creaçao, passando do inanimado ao animado do inorganico, até o organico, e tambem podem symbolisar a approximação dos tempos da redempçao em que um Deus nos devia visitar.

Esboçado assim estes principios procuremos tirar uma conclusão á tudo que até aqui temos mencionado; mas como desconhacemos de nossa authoridade, por nós fallará o sempre venerado Vico.

Vico primeiramente interroga a historia, mas ella figura muda como os hybridos esphinges do Egypto.

Interroga a natureza humana e então della arranca vozes sublimes, e depois assim falla Vico: *As mesmas ideas nascidas entre povos incognitos entre si, devem necessariamente ter um motivo commun de verdade.* (1)

Esta condiçao da unidade imposta por Vico as tradições, verifica-se nas que temos appresentado; porque deixando algumas alterações mais ou menos grosseiras, observamos que desde o Pariá, (quanto a mancha peccaminosa) desde os fanaticos que se deixão esmagar sob as rodas de pesado Tiruñal, desde Prometheo ligado ao

(1) As tradições vulgares devem ter alguns motivos publicos de verdade, que expliquem o como elles nascerão, e se conservarão nos povos, diz Vico, em outro lugar. Phil.—da Hist.—p. 94.

Caucaso, os sacrificios de Mogol e dos Galezes até o dos Christãos que pacificamente curvão a fronte ante o altar do Christo transubstanciado na hostia, todos tem um princípio e um sim *communum*: purificar peccados, e não só peccados pessoais, sim peccado original e *communum*. E' este o motivo pelo qual o Persa quando faz seus sacrificios, suas orações são por todos.

Feita esta apreciação geral sobre a doutrina de Pelletan, passaremos a destruir alguns argumentos que espalhou, a modo de sentinelas perdidas.

Encontra Pelletan a mais forte barreira na *theoria do peccado original*, para fundar sua doutrina *eminente*, *mente philosophica*; porque segundo pensa, toda falta é pessoal, como a liberdade, e por isto, todo castigo também o deve ser pessoal—*logo o crime de Adam devia expirar nelle e não contra a razão passar a seus descendentes*.

Eis um grande argumento de Pelletan, eis um dos seus maiores morteiros, que esmagará a fé e desfará a *legenda do peccado original*! . . .

Mas não: ainda uma vez ella campeiará triunfante e sacudirá o pó do erro; assim como o Lazaro da corrupção, ao mando de Christo erguer-se Lazaro da vida, sacudindo os sudarios da morte.

Nós concordamos que o castigo deve ser pessoal quando a falta ou peccado o for também.

Mas o peccado de Adam em relação a nós será inteiramente pessoal?

Eis ond'e o illustre perfectibilista fica inuito a quem dos primeiros rudimentos do cathecismo; eis por que, como dissemos, a sua theoria é propria para fazer algum movimento, visto afirmar em tom dogmatico e ouzado, sem produzir provas.

Pelletan não conhece a disciplina theologica; e melhor seria não descorresse sobre este assumpto.

O peccado original, como o consideramos não é actual, nem pessoal; por que não consiste no acto da desobediencia, falta que realmente é pessoal a Adam. O peccado original consiste na morte da alma, como disse o Concilio Tridentino (S. 5^a c. 3^o) consiste na privação das graças do espirito de rectidão, justiça e sanctidade sobrenaturaes, com que erão dotados os nossos primeiros pais, antes do peccado.

Collocada a argumentação neste terreno ainda será possivel haver duvida capaz de prohibir que a sã razão preste o seu assentimento ao grande dogma catholico?

Parece-nos que não; mas para não ficar alguma duvida continuemos a argumentar.

E principio corrente que ninguem pode dar o que não tem—logo, infallivelmente, Adam *germen* da humidade, espirito decaido da graça divina, pelo peccado, não lhe poderia legar um estado santo.

E realmente: se Adam nos legasse santidade, então ali sim haveria um facto irrationavel.

«Nós somos Adões continuados», ⁽⁵⁾, assim como o carvalho de hoje é a continuação do primeiro criado,

Adam trazia em si todos os homens, assim como uma semente traz a árvore futura.

A nossa natureza é a natureza de Adam, perpetuando-se continuamente, porém sempre a mesma. E se fosse possível alguma mudança, o homem de hoje não seria o do Paraíso. O immortal Bossuet fallando sobre esta matéria disse: ... Miramo-nos todos nessa origem, (Adam) observamos nosso ser e nosso bem estar, nossa felicidade e nossa desgraça. Deus nos vê em Adam, no qual fez a todos: o que quer que faça Adam, nós fazemos nesse; por que nos tem encerrados; e, moralmente, somos uma e mesma pessoa.

Se obedece obedecemos n'ele, se pecca peccamos nesse: Deus tratará o gênero humano como a este único homem.» (Bos. Elev. sur les myst. sem. 7.^a)

Ora em vista desta doutrina e sendo que como dissemos, Adam pelo peccado só tinha uma natureza corrompida, a querermos rejeitar a herança do peccado inherentemente à natureza de nossos primeiros pais, commet-

(5) Esta bela expressão é do Sr. Dr. Antônio Marques Rodrigues, em suas preleções orais sobre história universal.

teremos a mais desapiedada injustiça, perante os justos principios da equidade e da razão.

Porque se por sermos filhos de Adam entendemos ser muito justo, herdar tudo que elle tem de bom, como a vida, alma, intelligencia, orgãos maravilhosos, para grandes funcções, porque regeitaremos o que possuia de mão, e que acha-se intimamente ligado á pento de não poderem separar-se?

Então regeitemos a vida.

Mas Deos é sempre previdente: e para suavisar estes grandes mysterios que parecem querer esmagar o homem, depositou sob nossos olhos factos que os tornão mais ou menos intelligiveis.

Para qualquer parte que nos voltemos no theatro immenso do universo, descubrimos claras imagens da transmissão do peccado original.

As infermidades endemicas e epidemicas, as cōres, certos caracteres proprios das raças, não darão uma idéa bem approximada do grande dogma christão?

E ainda mais: um homem na sociedade, accumulado de riquesas, títulos, que o ennobrecem, cargos que o honrão, e que depois por qualquer motivo, seus bens são confiscados, despojado dos títulos e cargos, e se vê lastando braço a braço com a indigencia, e seusinnocentes fillinhos nivelados com as classes proletarias, curvados sobre a relhade rude arado, para comprar escassamente um duro pão, molhado com suor de mil fadigas,

não será viva imagem da transmissão do peccado original?

E se assim o não é, porque não restituem os bens do pai a esses inocentes, a esses que não carregão com a iniquidade do seu gerador?

Ah! até mesmo nestas scenas tão simples a religião catholica acha provas, a favor de seus dogmas sublimes!!...

Como esse homem opulento e nobre era tambem Adam rico dos extraordinarios dons que do Céo chovião sobre sua fronte ainda não polluida pela desobediencia, e que o arroubavão a uma região sublime, inebriante; como esse homem, elle estava ennobrecido pela graça divina.

Mas pelo crime tomba o tronco originario, todos os filhos caem com elle e são collocados ao nível das criaturas subjeitas ás grandes necessidades impostas pelas leis universaes da natureza e obrigadas a regar o pó com o suor de seu rosto.

Admira-se muito tambem M. Pelletan que Deos havendo criado o homem, o fizera para exercer um odio de quatro mil annos.

Oh! illustre philosoph! então que idéa fazeis de Deus? quatro mil annos para elle serão mais do que um minuto? pois tudo não é presente para Deus?—Logo a sua justiça pode exercer-se de milhares a milhares de séculos, sem que isto affete contra a bondade divina; por-

que Deos já fez tudo, em um só acto de sua omnipotente vontade.

Em outro lugar de sua obra querendo M. Pelletan tirar partido contra a doutrina catholica, diz rindo-se: quereis ver se o homem era perfeito antes de sua queda? Pois tanto o era que perdeu-se! Assim também vos diria: aquelle navio foi mui bem construido e a prova é que ao primeiro embate das ondas abrio-se. •

Ora este argumento em parte alguma poderá ser procedente. A antithese é bonita, é poetica, porem a conclusão é de máo gosto. Que paridade ha entre um homem livre e um navio? um é maquina, o outro ser intelligente e com poder de obrar e por consequencia ser feliz ou desgraçado.

Eis o jaez dos argumentos de Pelletan, que tanto barulho tem feito nas regiões da superfluidade. Passemos avante.

III

Batidos os intrincheiramentos do illustre perfectíbili-
lista desçamos a interrogar a propria natureza hu-
mana; suspendamos o manto que cobre o vasto e fe-
cundo campo da psychologia e obriguemos a philoso-
phia apronunciar seu verbo sempre autorizado.

Vergando-se o homem no sanctuario da consciencia, o que encontra neste vasto labyrintho? um chaos, um abysmo, um composto de grandezas e mizerias, como se fosse ruínas de um magestoso edificio abatido pelo rijo sopro das ventanias.

O que nos mostra a mesma alma observando-se? Sumptuosos perystílios, (Chateaub.) cujas columnas se achão despedaçadas em todos os sentidos, como os grandes palacios dos Abassydas, onde hoje corre o chacal e vagueão os hybridos phantasmões das ruínas.

Foi incontestavelmente a desagradavel vista desses quadros que fez a Phedro dizer: muitas vezes, em minhas longas insomnias, refletindo sobre a origem das fabulas e vicios da humanidade, vemos o bem e fazemos o mal, conhecemos a virtude e praticamos o vicio!

A vida é juncada de escolhos, para os quaes quase fatalmente nos arrastamos.»

Eis ahi um quadro bem fiel da vida humana. A intelligencia conhece o justo, e o instincto dirigido pelas ruins paixões determinão a vontade em sentido contrario. A razão manda a pratica do bem, e o coração arrasta a intelligencia a pronunciar seu assentimento pela sensualidade; e uma guerra tremenda, como a dos anjos armados com montanhas na epopeia de Milton, se trava mesmo em nossa alma.

Racine grande observador psychologico, já cantou este facto de um modo sublime, em um momento inspirado. Eis como falla elle:

Mon Dieu, quelle guerre cruelle
Je trouve deus hommes en moi:
L'un veut que plein d'amour pour toi.
Mon cœur te soit toujours fidèle:
L'autre a tes volontés rebelle
Me revolte contre ta loi.
Helas ! en guerre avec moi même;
Où pourrai je trouver la paix ?
Je veux, et n'accomples jamais.
Je veux; mais ô misere extreme !
Je ne fais pas le bien que j'aime,
Et je fais le mal que je hais.»

Ora isto que observamos na vida de cada individuo

tomado singularmente, distinguimos tambem na vida das nações, que é incontestavelmente consequencia da degradação a que se rebaixa o homem pelo peccado. O sempre lembrado Chateaubriand fallando sobre este assunto assim se exprime:

... se attinge ao mais elevado gráu de civilisação (o homem) rebaixa ao infimo a moral.

Isto é uma verdade inconcussa, realmente.

Nas partes do mundo em que os homens achão-se mais adiantados, ali mesmo, nesse dousdejar quase vertiginoso do progresso attentai bem, que ali, tudo quanto é horrivelmente feio se apresenta sob vossos olhos.

Lêde a historia e vede como mesmo em Pariz, nesse grande areopago da civilisação moderna, ha bairros quase povoados por facinoras, ladrões e quanta sorte ha de homens perniciosos a ordem social. Pariz a Athenas em sciencia, Babilonia em grandesas e tambem Sodoma e Gomorra em torpezas e mizerias.

D'ahi marchai mais um pouco, atravessai o *Pas-de-Calaes* e saltai na culta Inglaterra, que com horror vereis publicamente escholas de latrocínio!

O homem, quer segregado, quer em sociedade com dificuldade mal pode harmonisar-se. • Se é livre, diz Chateaubriand, é selvagem; se se pule, forja ferros para prender; se brilha pelas sciencias apaga-se-lhe a imaginação; se poeta apouca-se-lhe o pensamento; lucra o coração, e a cabeça perde; e dos desfalques do coração aproveita a cabeça.

•Com o oppulenter-se em sentimentos, virá a empobrecer-se de idéas. A força endurece-o e desarma-o; a fraquesa dá-lhe graça. Uma virtude é commumente a portadora de um vicio, e sempre o vicio ao retirar-se, lhe leva na resaca uma virtude. • (1)

Ora em vista desta analyse luminosa, e de alta transcendencia, estamos despensado de agglomerar novas provas, e podemos tirar uma conclusão; isto é: que no homem ha um duplo principio, manifesto pela constante luta que ha tanto no individuo, como na sociedade, tanto nos factos psycologicos e internos, como nos externos e praticos.

Este duplo principio é o bem e o mal, que se debatem em nós, e buscam firmar um dominio exclusivo.

Pois bem: partindo deste facto, que está no domínio de todos, o importante para a nossa questão é saber se estes dous principios são inherentes com a natureza humana; porque se o forem é claro que o estado em que se acha nossa natureza não é resultado de uma desobediencia, mas se pelo contrario, o dogma catholico campea illeso.

Por mais que pesquizemos, só encontramos tres ele-

(1) Cath. Gen. do chr.

mentos originarios, inherentes com a natureza humana, e que influem sobre a determinação da vontade, os quaes como muito bem o disse Kant, são os da vida phisica, communs a todo animal; os da humanidade, e os da personalidade.

Os primeiros consistem no amor de si mesmo, que induz a conservação, procreação, &c.

Pelo segundo o homem tem consciencia de si, conhecimento reflectido, distingue os principios de egualdade pela unidade de origem e de natureza, rebaixa seu orgulho e egoismo, e fulmina o de seus similhantes. A terceira ordem de elementos naturaes, ou a personalidade, consiste no amor da ordem, da justiça, &c.

Por este principio o homem ouve um echo que sae do intimo de sua alma, patenteando a existencia de um sentimento, innato ou natural, que lhe manda fazer o bem, e que este sentimento se coaduna com a existencia, com a vida, e por este principio a vontade determinase pela pratica da lei, do justo.

Ora em toda esta pequena analyse, só encontramos moveis naturaes que induzem ao bem: uns conservão, outros proclamão a egualdade, a ordem, e outros designão o principio do justo plantado na alma, e arrastão a vontade para uma harmonia absoluta, para um equilibrio harmonioso que embriaga o espirito, e o homem todo se torna uma harmonia estupenda, como o hymano magestoso que o universo continuamente orgue ao Creador.

E o mal que papel representa? «O mal, no profundo dizer de Kant, é palavra que designa não mesmo uma inclinação oposta à razão, mas o acto de uma vontade livremente contradizendo sua razão.

Não ha em a natureza humana elemento algum que lhe seja primitivamente destinado.

«A possibilidade do mal real no homem não pode ser encarada senão como causa posteriormente atraída por escolha propria de livre arbitrio. . . . O mal no homem foi o fructo de uma depravação da liberdade. . . O homem é mau porque na adopção dos moveis de sua maxima⁽¹⁾ inverteo a ordem original, collocando o moveil do amor de si, de suas inclinações que nascem em lugar da lei moral, em quanto esta ultima devia antes, como suprema consequencia do goso e do verdadeiro amor de si, ser tomada por mobil unico na maxima geral do livre arbitrio.

«Esta subordinação do mal ao principio do amor proprio, é o peccado primitivo de Adam, do qual devanão como consequencia, todas as demais ações más de todos os homens.» (Kant th. ap. do ch. pur.)

(1) Kant entende por aqui maxima o principio fundamental que toma o homem para seguir a pratica dos actos. Assim, ha duos maximas: o bem e o mal: conforme tomaremos uma destas maximas, seremos bons ou maus.

Ora se realmente, como demonstramos, o mal não constitue um princípio inherente e originario com a natureza humana, como acontece com o bem, e com os elementos que induzem a sua pratica, é claro que o mal não nos foi dado originariamente, nem é para nós parte integrante, e sim uma cousa, como muito bem diz a Biblia, attrahida pelo peccado.

O bem e seus elementos formão parte integrante essencial do homem; porem o mal é um abuso desses elementos naturaes; o mal não permanece de um modo innato, é cousa que passa, como, diz Kant—logo o peccado original é absolutamente indispensavel para explicar-se o mal. De maneira que se pode dizer: se não ha peccado, não ha mal. Porem isto seria um absurdo, cabalmente desmentido pelo facto manente na consciencia de todos.

E nem estas verdades poderião ser de outro modo, senão o melhoramento na humanidade seria impossivel.

É chegada a occasião de ferirmos a Pelletan com suas proprias armas.

O mal não é congenito com o homem; é um estado adquirido no tempo, e em razão da desobediecia: se elle fosse congenito fôra dado por Deos. Mas isto é absurdo; porque sendo Deos um ente infinitamente bom, não pode ser o ouctro do mal.

Dizemos que seria impossível o melhoramento na humanidade, se o mal nos fosse natural, e por consequência dado por Deos, e assim o entendemos; porque se o mal fosse natural por mais que fizesse o homem nunca poderia sacudir o seu jugo nefando, pois ficaria um ser incompleto, assim como, servindo-nos do argumento de Pelletan, a tartaruga não deixa sua casca, por lhe ter sido dada por Deos.

Mas felizmente a humanidade pensa e obra em sentido contrario: sempre como quem tem a mais completa consciencia da legitima possibilidade de melhoramento, ella trabalha, e trabalha com os braços como o Briareo da fabula; trabalha incessantemente, para remir essa triste condição que a reduz a humilhante posição de escrava; para purificar suas grinaldas que cheias do odor de santa innocencia tombarão n'um abysmo immundo.

O Christo, o Filho de Deos humado é o maior obreiro neste sentido; e a humanidade só trabalha, depois da vinda do Verbo Divino, para por em prática as maximas evangelicas termo da perfeição.

Concluamos pois que o mal é infallivelmente o resultado do peccado original. E sustentar-se em sentido contrario, seria dizer que Deus é injusto; porque o mal coloca o homem nas mais precarias e humilhantes condições.

Se bem que os triumphos sejam mais brilhantes por

meio delle, com tudo as quedas são mais frequentes e terríveis, e os louros ganhos nessas lutas titânicas, são orvalhados de notas de sangue.

Mas Deos não tem a humanidade do Cyclope, que prometeo a Ulysses comê-lo por ultimo—logo Deos não deo vida ao homem sob condições tão ríjas e horrivelmente onerozas.

IV

O estado de natureza pura em que nasceo o homem, desperta em Pelletan a mais eloquente mofa.

A ter sido creado o homem assim como pretende a Biblia, a natureza perderia suas forças, por causa deste unico ente: **quando pisava (o homem) a terra lhe abria por si mesma largo caminho: pisava e o aspide venenoso lhe lambia as plantas; tinha fome e o ramo da arvore deixava cahir seu fructo sobre a relva; tinha sede e a daiaide inclinava para elle a urna de christal; repousava e a flor perfumava o seu somno; punha a mão sobre o coração e todo um mundo de belleza fluctuava em sua imaginação; fallava e um hymno lhe errava nos labios; e a gravitação suspendia-lhe o rigor de sua lei de ponderação; dormia e uma brisa ignota o envolven-do em uma molle atmosfera, como n'uma tenda invisivel, desviava cuidadosamente desta oabeça preciosa, cheia*

de uma alegria divina, o raio e a chuva, a nevoa e o furacão.

Com esta hypothese arrojada e poetica pretende Pelletan expor ao ridiculo a doutrina santa, que chama o peccado original para explicar a triste condição em que nasce o homem; porque se a principio elle era como o pretende Pelletan, tem razão a doutrina que batemos: Deos não faria nua creature por quem suspendesse todas as leis naturaes: um ente assim formado não seria para este mundo.

Porem felizmente a doutrina catholica explica os factos por outros meios.

É sabido hoje pelos progressos das sciencias, segundo attestão Couvier e Humboldt, entre outros, que o globo antes do diluvio era muito superior ao que é actualmente: mas nós não sabemos até que ponto chegava essa überdade: entretanto é certo que o homem perdeu um estado melhor do que o presente: e quem assim o diz é a voz eloquente dos séculos preteritos.

•A principio diz Hezjodo, as tribus viviam exemplas de males, peniveis trabalhos, e grandes enfermidades.

Todos os povos ouvem e repetem esse grito de dor pela perda de grandes benefícios, echo este que repercuta de seculo a seculo, como gemebundas notas de lyra maviosa que se espedaçou nos abyssos....

Isto não pode deixar de ser o resultado do grande facto assignalado no Genesis.

Deixemos aqui esta questão, que nos parece estar descutida, e digamos algumas palavras sobre o estado em que fôra o homem creado.

Não cremos, e nem o ensina a Egreja Cathólica, que a felicidade do homem fosse tão exagerada como sarcasticamente a descreve Pelletan: assim o homem permaneceria em um estado inglorio: não teria forças contrarias para se empenhar nas bellas lutas; e os triunfos desapparecerião.

Não: sustentamos fora o homem muito feliz; porem cremos que sempre esteve sujeito as leis da contingencia, as quaes entretanto erão muito mais benignas, segundo mesmo o testemunho das sciencias naturaes.

A felicidade humana, como já o dissemos, consistia no estado de santidade e justiça, que lhe permittia arrebatar-se continuadamente ao infinito, e consistia tambem na prompta e acertada escolha dos meios convenientes com os fins.

O homem sempre teve necessidades; esta é a condição do limite; mas a luz radiante que lhe fuzilava na mente era sublime...

Porem o peccado com impia mão apagou n'um momento tanta luz, como outrora de Baltazar no festim babilônico, dessipara seu faustoso poderio.

E revolvendo a historia, nós encontramos provas robustas desta verdade.

A theoria do progresso tal como o pretende Pelletan, é uma theoria bem triste! Principia e depende sua existencia da morte de crenças tão antigas como o homem, e respeitaveis como a humanidade! Não; mais uma vez a humanidade saeudirá gravemente a fronte annosa e se erguerá radiante do cataclysmo do erro.

O monstruoso esphynge da heresia, com aspirações a gigante, mas fabricado com pés de barro, baqueará sob o peço das lufadas ríjas do espirito de verdade.

Nós admittimos e explicamos o progresso, sem derrubar os venerandos dogmas, que o Christo não duvidou derramar o seu sangue no horroroso martyrio da Cruz, para dar testemunho delles; dogmas que hoje fazem, se assim nos podemos exprimir, parte da natureza humana.

O mundo marcha, sustentaremos com convicção: nada obstante a contradicção de grandes genios científicos; a quem entretanto desculpamos.

E a razão não é transcendental.

Esses grandes vultos querendo arvorarem-se em pregadores da verdade, o meio mais facil que encontrarião foi afeiar o presente embellezando o passado; e este vicio tem feito partido, principalmente na cadeira sa-

grada, onde os oradores, para guiar a humanidade pela pratica das virtudes dizem sempre que a geração actual vai mal em relação ao passado.

De maneira que a ser isto real, a humanidade já rolaria no ultimo degrão da miseria: mas os factos, e a divindade de Christo desmentem este modo de moralizar; porque depois que o Divino Salvador regou a terra de seu sacro-sancto sangue, a humanidade ha de sempre progredir; até abraçar um só principio, a verdade, realisando assim a grande palavra evangelica: *multiplicar cento por um: formar-se um só rebanho e um só pastor.*

O mundo marcha; sustentaremos sempre; mas como marcha e como marcou o mundo?

Eis onde divergimos de Pelletan: elle sustenta que o mundo marcha, porque apurá o homem esteve em estado de privilégios: nós porém afirmamos com a Bíblia, que o homem mesmo no estado de natureza pura, ou de graças divinas, estava sujeito ao trabalho, **mas que este aumentaria a titulo de castigo, quando o homem peccou.**

Vem apello desenvolvermos aqui uma ideia acima anunciada: que o homem em seu primitivo estado tinha uma sabedoria suficiente a sua missão, e que as luzes dessa feliz edade, por largo tempo reverberarão na humanidade.

Pelo lado religioso encontramos no começo das primeiras sociedades a unidade religiosa: a crença em um só Deos, a maior perfectibilidade a que pode chegar o homem, neste terreno: mas donde elas tirão esta noção pura, apenas erguem-se do berço da criação?

Nós podíamos sustentar que a ideia de substância absoluta nunca chegaria ao espírito, senão por meio da revelação (1); (porque nós só temos ideias por nossos próprios esforços, do que cai debaixo do empirismo), e d'ahi partir para mostrar que o homem de Pelletan, criado em estalo de pura natureza, por modo algum poderia ter noções claras do Infinito, exactamente o contrário do que observamos nos primeiros povos.

Porem nós concedemos que a ideia de substância pura, de infinito é a condição lógica da ideia de corpo, que dada a ideia de corpo, na ordem chronologica, por força lógica a razão intuitiva seja obrigada a afirmar a existência do infinito da substância absoluta: mas o que Pelletan não nos pode negar é que além desses vóos sublimes serem um pouco duvidosos, (2) são bas-

(1) Assim o entende o Sr. C. Cantu entre os mais modernos philosophos.

(2) Este tem sido o sentimento dos principais vultos do mundo, isto é, que estas

tante demorados, porque propriamente fallando o homem não nasce philosopho: tem o germen da philosophia, mas não o desenvolve logo. A principio se limita a procurar seu bem estar, para depois se entregar a reflexão, e quando a isto se entrega, paira por algum tempo no imímico, para depois como uma consequência lógica, remontar ao espiritualismo.

Nessas difíceis viagens do finito ao infinito, muitas vezes o homem entra abysmando-se em grosseiro pantheismo: mas tal não acontece na origem das sociedades: ali, sem o maior esforço, o homem diz: creio num só Deus verdadeiro e meu criador.

Porem não é só por este lado que rutilão nossos bellos louros, que perdemos depois do peccado: as sciencias, as artes, industria, também se mostrão, já no balbuciar das primeiras instituições, para prova lançai os olhos sobre as primeiras corporações. O que distinguimos? um quadro magestoso: apenas nascem

nações brilhantes e sublimes do absoluto forão visões do homem em outra vida ou estado.

Platão reconhecendo impossibilidade de explicar sua existencia no espirito, por meios naturaes, chama-as reminiscencias do passado. «Eu não teria ideia de uma substancia infinita, se ella não fosse posta em mim por uma substancia infinita. (Desc. 2.º Medit.)» Estas verdades, sendo anteriores a existencia dos seres contingentes, é preciso que sejam fundadas na existencia de uma substancia necessaria; e lá que encontro o original das ideias e das verdades?»

appresentão um desenvolvimento tal que faz pasmar aos espíritos mais bem prevenidos!

Da Bacthria, da Caldeia, se derramão crebas ondas de uma luz civilisadora sobre a Babilonia; esta por sua vez appresenta tambem um desenvolvimento estupendo: vastos túneis atraídos do profundo leito de Euphrates, pontes engenhosas que se estendiam durante o dia, e se retractavão a noite, para evitar qualquer invasão inimiga; jardins suspensos nos ares «esmaltando as casas de flores e perfumando o ar,» philosophos sondando os arcanos do mundo, poetas soltando bellos hymnos; astrologos observando o movimento dos astros...

Que maravilhas!

Na Phénicia, manufaturas soberbas, onde se tecia os asfiamados panos do Tyro e Sydon.... Quanto prodigo de industria!

O Egypto com suas piramides colosseas, que ainda hoje formão a admiração do mundo civilizado; seos menhirs, ou gigantes de pedra; esses primores de architectura da ilha de Philie, que palacios vastos nas entranhas das rochas!... Tudo embelleza!

E esses inumeraveis monumentos de Thebas, cujas ruinas fizerão os soldados franceses, esses leões das cem batalhas de Napoleão, que não tremião ante o rubro fumo das bombardas, curvarem-se silenciosos, como se a mysteriosa alma das ruinas lhe bradasse: curvai

vossas frontes, que aqui se acha uma grande parte da historia primitiva do homem; curvai vossas frontes que estas arcaias por onde passarão os seiscentos mil combatentes de Sesostres encerrão segrelos supremos... Todo esse magestoso movimento do Egypto, tanto nas artes como nas sciencias..... que espetáculo sublime! (1).

E essas inumeráveis descobertas de Gallileo Coper-nico, Newton e Bacon não forão completamente ignoradas dos antigos. (2)

As ideias sublimes de Leibnitz, Descartes, Bossuet, Malebranche, Fenélon e S. Agostinho, as encontramos na Persia, Egypto, India Judeia; em Pythagoras, Socrates, Confucio e Platão. (3).

Os homens, diz C. Cantu, possuirão desde princípio conhecimentos que se poderão chamar de simples curiosidade, aos quais não erão impelidos pela necessidade, e que reclamavão observações seculares, uma certa perfeição nos instrumentos, e a exactilão nos cálculos. O movimento diurno apparente dos astros, a

(1) Pythagoras, Platão, Anaxágoras, todos esses grandes genios da antiguidade beberão nestas fontes sublimes.

(2) V. Not-Lit. do padre Macedo.

(3) Não tambem desenvolvidas como nos primeiros; porque o christianismo é uma luz muito brillante que tudo astera.

sombra circular projectada sobre a lua, os eclypes, a superficie convexa do mar, concedamos que lhes dessem a ideia da redondesa da terra. Porem como advinhavão elles as dimensões do nosso planeta? E contudo elles forão a base do sistema metrico no Egypto e na Asia. O periodo de 19 annos ainda conservado entre nós, com o nome de aureo numero, era adoptado pelos Egypcios; o dos 60 annos era commun aos Asiaticos, e o dos 600 era empregado pelos Caldeos.

A esphera, o gnomon, a divisão do tempo em semanas, os eclypes solar e lunar, e a excentricidade dos cometas forão conhecidos dos Egypcios, que ainda que privados do telescopio, sabião que a via-lactea não é mais do que um grande grupo de estrellas. Cada um dos quatro lados de suas piranides está perfeitamente orientado para um dos quatro pontos do céo. Schenrschid inauguruou a constrengão de Persepolis no mesmo dia em que o signo de aries começava um periodo astronomico... É um objecto digno de admiração, continua o citado auctor, ver-se o genero humano logo em seu nascimento abundar em conhecimentos. Elle sabe cultivar a terra com o auxilio dos instrumentos; domestica os animaes, fabrica o pão, azeite; fece, cose, borda, prepara o vidro, pesca o coral; extrahe os metaes, e lava os diamantes; a estatuaria, a agricultura... Não só evita os perigos, mas traduz em sons articulados as suas proprias ideias, transmite-as pela palavra, e fixa-as pela escriptura, decompondo toda sciencia humana.

em vinte e cinco letras, dez algarismos, e sete notas musicas!.

Ora em face deste testemunho eloquente da historia, desse echo magestoso e estridente que rebôa do reconcavo dos seculos; que ergue-se das magestosas ruinas da antiguidade soprando pardas cinzas de tantas nações; em vista de tantos prodigios da intelligencia ainda no verdor da infancia, como poderemos deixar de soltar um brado de admiração, e convencer-nos que tão facinadoras luzes são rastos das luzes primitivas, que brilharão na intelligencia do homem, antes do pecado?

Quanto mais que, segundo vemos em nossos seculos, a intelligencia e a industria, as sciencias e as artes não se desenvolvem em um povo sinão a custo de titaneas lutas e pelo largo decorrer de muitos seculos. Mas se assim é, disei-nos, quem ensinou tantos prodigios que apresentão as primeiras *communas*, apenas nascem, sem passar primeiramente, pela inflexivel lei dos labores?

Evidentemente o homem a recebeo em seu berço de innocencia.

Mas depois vem o crime, e essas brilhantes centelhas passão fuzilando no espaço, e as trevas cobrem seu rastro. . . e isto é mais uma prova do peccado original; por que a não ser elle, que continuamente tende ofuscar a intelligencia humana, pelo dominio do erro, explicai-

nos como essa sciencia que a principio se mostra com tanto vigor, desapparece na noite do erro?... explicai-nos, como tão depressa a humanidade troca suas candidas e brillantes corôas de sabedoria pelos pollutos louros da abjeção de Sodoma e Gomorra?...

A par do espectaculo imponente e inebriante de Bactriana, surge como de um de morte, o espaço ennegrecido pelo fumo de mil templos de falças divindades. Tudo desapparece como o fumo ao dardejar das renanias: unidade religiosa, artes, industria, sciencia... tudo.

Em Tyro e Sydom, cidades tão florescentes, dá-se o triste espetaculo de se derramar o sangue de victimas humanas mesmo sobre o stipedaneo dos altares!

No Egypto, mesmo nas margens do historico Nilo, onde cresce o papiro, grande movel da civilisação, no Egypto, onde recitavão os sagrados hymnos em honra a um só Deos verdadeiro, chega a miseria a adorar-se as proprias cebolas que vegetavão nos páues, o cão, o gato e o crocodillo!

E com esta depravação religiosa baqueão as sciencias e industrias. Já não se erguem mais formosas pirâmides, nem nos archivos dos sacerdotes descângão volumes de profunda sciencia! A colamna de fogo que atravess das serranias guiava a humanidade, desapparece alem dos rochedos, morre nas trevas: a humanidade abysma-se impellida por pestilento sopro das ruins paixões, abrasado pelo peccado.

E venha depois Pelletan encher as bacheixas e sustentar a existencia do progresso contínuo na humanidade! Sempre que assim nos fallão, distinguímos: se dizem progresso contínuo depois do christianismo, concordamos; se antes negamos.

E realmente: o que vemos no mundo pagão? Iaz a principio, depois decadencia, trevas e por ultimo grandes esforços para evocar o passado brilhante.

Babylonia, Persepolis, Thebas todas tem sua época de brilhantismo; mas depois o erro as precipita do pináculo da gloria.

São muito brilhantes esses tempos de Confucio, Pythagoras, Socrates, e Phidias, mas em breve as scenas hediondas das baccanaes, manchão tudo; em breve Georgias sobre o vasto tablado nos jogos publicos nega todos os dogmas, todas as verdades, e planta o scepticismo (1). Dehalde Diogenes andava diante de Zenão, para lhe provar o movimento; porque Iudo se nega, tudo é mentira, exceção da mesma mentira! E o politeísmo estende seus domínios, (2) e de novo as tre-

(1) É a época de sophisma.

(2) Os grandes erros do espirito diz Lamessidorão até pouco tempo desconhecidos no mundo antes da philesophia grega. E elia que os faz nas eras pelo menos os manifesta, enfraquecendo o respeito as tradições e substituindo o exame individual ao princípio da fé.

Ella ampliou as vestes do críao, e opoz a razão individual a de todos, a rasto mesmo de Deus. Rompeu os ultimos nós que continham o orgulho e o submettia à verdade.

Desde então esta força interior, e toda espiritual, que é a sede do homem, e mais ainda a das nações extinguiu-se de improviso. Em outro lugar diz Lamessidorão que se nos possa citar nos séculos anteriores, um só ato de verdadeira. Quando lemos este psalmo: o insensato diz em seu coração: não ha Deus; não se trata aqui de ateísmo dogmatico ou real, mas do esforço culpável que repete a temeraria de Deus que tem a justica; e é isto o que exprimem claramente as palavras seguintes: Eles se corromperão, tornarão-se abominaveis em seus desejos, e não ha um que faça o bem. (Lana.. Eos. suor l'indif. art. cult. Idol.)

vas cobrem a face do abysmo... dessas épocas de trevas é que principião a erguer-se de quando em vez alguns homens, como vultos homéricos, a sim de invocarem o brilhante passado perdido, e guiar a humanidade sob o grande princípio da unidade.

Alexandre, Crasso, Varo, Cezar formão uma parte desses grandes homens, que tentarão este grande desideratum do espírito humano: mas Alexandre chora ante as ondas por não poder passar alem. Crasso paga sua temeridade junto ao Euphrates, e Varo deixa a ossada de suas legiões alem do Rheno.

Platão representa tambem um grande papel na história dos vultos humanos. Depois que a força não pode conseguir encaminhar a humanidade ao seo sim, por meios convenientes, a intelligencia assumio a ardua missão. Confucio, Socrates e seos discípulos são os grandes athletas desta empreza sublime, e Platão é a ultima expressão dos exforços humanos.

Mas Platão depois de um lutar desesperado conhece a impossibilidade de guiar a humanidade, e arrancal-a do abysmo de logo em que se revolvia como o Satanaz de Milton.

É realmente um espectaculo sublime o lutar de Platão, até qual o pastor desvelado, que ia a toda pressa levar um linitivo a suas ovelhas que perreção pela peste, depois de muito caminhar, assenta-se exausto sobre o dorço de altaneira montanha, vendo o azul da immensi-

dade que se estende alem e a quem, e elle na impossibilidade de marchar, ou voltar, lembra-se de contos mysteriosos e clama por auxilio sobrenatural. Assim é Platão quando no meio de seos desenganos, assentado sobre as vastas ruinas da humanidade, tentando de balde fazer as carnes reunirem-se aos ossos diz: *Só um Deos nos vindo ensinar é que pode guiar a humanidade.*

Profetisava a vinda do Christo, que foi o unico que mostrou-nos o verdadeiro progresso.

Eis, porque Vico sempre nos pareceu um grande pensador: elle diz que a humanidade rola em um circulo vicioso: ora se a considerar-mos, realmente antes da vinda de Christo, nada mais mathematicamente exato. E ninguem nos venha dizer, em refutação a Vico que das luzes perdidas no Egypto aproveita a Grecia, e da queda desta aproveita Roma; porque então mostrai-nos as luzes que encontrou o christianismo em seu nascimento, que sustentaremos ser elle um progresso contínuo. (1)

(1) Pelletan presume provar doutrina contraria, disendo, que a escravatura já é um progresso sobre o prejuízo da divisão de casta. Mas é isto uma afirmação sobre bases chimericas.

Pode ser que a escravidão tal qual a temos hoje muito melhorada pelo christianismo seja melhor que o estudo de casta.

Porem se retrocedermos, a antiga escravidão do tempo de Spartacus, o quadro é medonho. As castas ao menos festejão sua communhão a parte, e quando muito os inferiores sofrião o desprezo, havia a falta de contacto dos superiores. Mas os escravos erão quando muito, como disse o Varão, machinas d'agricultura, mesquinhos instrumentos da vontade caprichosa de um senhor brutal. E isto não é um progresso.

Talvez nos queirão apontar para o seculo de Augusto, onde a paz que reinava desde as ilhas mauritanas até os confins dos mares do norte simboliza a realização da grande ideia do christianismo: a fraternidade, a humanidade.

Mas nós rejeitamos esta ideia; porque a paz do seculo de Augusto é uma paz forçada; é pela razão da fraqueza. O seculo de Augusto é uma verdadeira imagem de um moribundo nos arcanos da morte. É um pheno-meno geralmente observado que o inferno depois de muito padecer, nos momentos de deixar a vida tem a *visita da saude*. Assim foi o seculo de Augusto: quando a humanidade estava a abysmar-se completamente, recebe esse linitivo, e eis então que aparece o christianismo. Tanto não havia ideias capazes de promover salvação, que pela invasão dos bárbaros o christianismo é o único sustentaculo do mundo. E se não fosse elle o que seria da humanidade depois daquelle terrível cata-clysmo? Provavelmente as trevas que hoje cobrem esse infeliz Egypto, e desventurada Judéa, nos envolveríão também... Agora sim, depois da vinda de Christo a humanidade não tem parado; porque a palavra divina *fratifica certo por um*. A luz é sempre brilhante, sobre a inabalável rocha, contra a qual em vão sopravão as potestades infernaes. A columna de fogo não se extinguirá: todos verão a cara santa do Senhor sobre a montanha.

Os ardores do deserto que outrora esbarrarão e aniquilarão a Cambyses e Cyro, os mares que detiverão Alexandre; as distâncias, os climas, as enfermidades que destruirão a Crosso e Napoleão, todas essas dificuldades que obstavão as vãs pretenções humanas, desaparecem ante a força do christianismo. Todos se comunicão fraternalmente; auxilião-se mutuamente e formão uma só familia. E eis realizada a prophecia de Isaías quando dizia, referindo-se a estes triumphos futuros: montanhas e collinas, vós sereis arrasadas; caminhos tortuosos, vós sereis alinhados; veredas escarpadas, vós sereis de tão facil acesso como a planicie. Em outro lugar: Passae pelas portas, preparae o caminho ao povo, aplanae a estrada, escolhei as pedras, arvorae um estandarte ao povo.

E porque razão oh! Propheta? pergunta Lacordaire, porque razão deverão abrir-se as portas, cair por terra as barreiras, perder a natureza todas as precauções do seu zelo? Ah! responde o Propheta.

A razão é porque ahi vem o Rei cheio de brandura e de justiça; elle ahi vem pobre montado no filho da jumenta (1). Eis aqui o que tudo abre, o que tudo muda. Abri vossas portas deixai passar a nação justa,

(1) S. Math. 21 Zac.—9—.

a nação que observa a verdade (1). «A sciencia não tinha passado; a força não tinha passado; Nínive, Babilónia, Alexandre, os Romanos, não tinham passado; mas o Filho do Homem montado no filho da jumenta ha de passar, passou, e passou para nunca mais voltar.»

Pelletan para firmar melhor as bases de seu sistema revolucionario principia, arbitrariamente, por traçar um caminho a humanidade. Assim do estado selvagem passa a vida pastoril, á agricultura, a industria, e ao commercio.

Aqui Pelletan é um pobre discípulo de Volney; copiou-o vergonhosamente e apresenta-se muito círcio de si a afirmar sem provar.

Porem, um homem de maior autoridade do que elle sustenta o contrario, com argumentos mais solidos.

«Essa pssagem supposta da vida pastoril a agricultura, e dahi a industria, e ao commereio, diz o immortal e sabio Cantu, não concorda com a historia que nos apresenta o homem pastor e agricultor, quando apenas se vê constrangido a viver do suor de seu rosto. O fraticílio levou os Cainitas para longe das barracas patriarcaes, multiplicarão-se, construirão cidades, onde a in-

(1) Isa. c. 40-4.

dustria augmentou a tal ponto, que a sexta geração, depois do matador, cultivara as artes metalurgicas, e conhecia os instrumentos de musica. O genero humano, reduzido depois do diluvio a uma só familia, as artes primitivas conservarão-se nella. Noé foi cultivador e operario. Mas como os seus descendentes se dispersassem pela superficie da terra, a sua industria variou segundo os Ingares, sujeitando-se a lei da necessidade, e desprezando o que era util. Eis a razão porque vemos o negro arremessar-se as arvores mais elevadas, e trepar pelos mais escarpados rochedos.

• O Groelandez harpoar o peixe com golpe inevitavel; o Samoyeda luctar com o ursa branco; o habitante das canarias perseguir á camurça de quebrada em quebrada; a Thibetana conduzir o extraungeiro até os mais altos cumes; todos finalmente se adaptão ao que produz o solo, onde se estabeleceram. Os que não conhecem outra belleza alem das dos animaes, pintão o corpo com varias cores, e usão de cauda e chavelhos; o Americano adorna-se com as pennis das suas aves, ás quaes a natureza prodigalizou tão brilhantes cores, em compensação do canto que lhe recuzou; e o habitante das ilhas Mariannas aprende a tecer a casca das arvores.

• Além disto, que diferença entre o commercio dos Ingлезes, e o do Chim; entre o Lapão pastor de rennas, o Arabic de câmellos, o Peruvião de lamas, e Mogol o de eguas ! Assim as diversas industrias nasceram, e

eravam em razão dos lugares; porém a agricultura foi a que introduziu maiores mudanças na constituição moral. O homem querendo, quando cultivou um campo, seguir com a vista as esperanças, que lhe dava, construiu junto delle uma habitação; então, aquelle sentimento tão imperioso, que chamamos amor da pátria, aparece, e a estabilidade do lar doméstico lá coragem à associação civil. Quando Adão, vendo a companheira, que Deus lhe dera exclamou: «Eis agora o osso dos meus ossos, a carne de minha carne: esta terá um nome, que recordará o homem, porque foi tirado do homem, eis a razão pela qual o homem largará seu pae e sua mãe, e se ligará a sua mulher, e serão dous n'uma só carne.» collocou-se então a primeira pedra do edifício social, que se manteve através de todos os séculos, e de todas as revoluções; a sociedade doméstica tornou-se a base das outras, de modo que estas prosperaram, ou decahiram, segundo aquelle se firmava ou dissolvia.»

Eis como desaba completamente a falsa doutrina de E. Pelletan: ella não resiste ao exame da razão e da fé christãm.

E nós concluimos aqui estas linhas, que contra o nosso desejo já se vão alongando.



